

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS.
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE**

ANDRÉIA CRISTINA DA SILVA BARBOSA

RIQUEZA QUE MEXE COM OS SENTIDOS: feira livre de Senhor do Bonfim.

Salvador

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE**

Andréia Cristina da Silva Barbosa

RIQUEZA QUE MEXE COM OS SENTIDOS: feira livre de Senhor do Bonfim.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof^o. Dr. Adalberto Silva Santos

Salvador
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Barbosa, Andréia Cristina da Silva.

Riqueza que mexe com os sentidos: feira livre de Senhor do Bonfim. / Andréia Cristina da Silva Barbosa. – Salvador, 2013.

136 p.

Dissertação (Pós-Graduação) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof^o. Dr. Adalberto Silva Santos.

1. Feiras livres – Cultura. 2. Feiras livres – Senhor do Bonfim/BA. I. Título.

CDD 381.18142



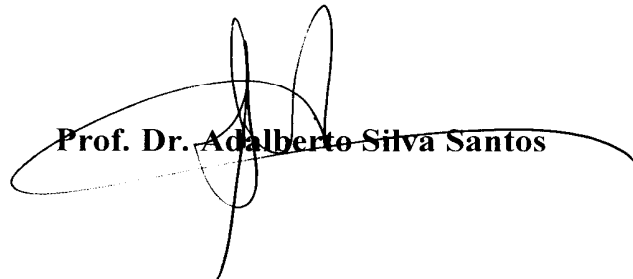
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA & SOCIEDADE

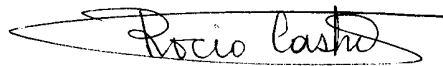
ANDRÉIA CRISTINA DA SILVA BARBOSA

"Riqueza que mexe com os sentidos: feira livre de Senhor do Bonfim."

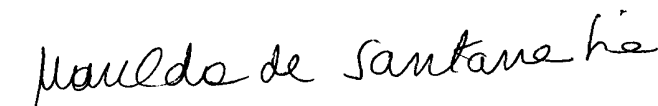
Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Cultura e Sociedade, na Linha de Pesquisa **Cultura e Desenvolvimento** em 22 de março de 2013, foi aprovada pela comissão formada pelos professores:



Prof. Dr. Adalberto Silva Santos



Prof. Dr. Rocio Castro Kustner



Prof. Dr. Marilda de Santana Silva

DEDICATÓRIA

À
Maria Malta da Silva
in memoriam.

AGRADECIMENTOS

A Deus, essa força espiritual superior, que me impulsiona e conduz todos os dias de minha vida, não sendo diferente quanto à realização deste trabalho. Muito obrigada, meu Pai, pelas inúmeras vezes que esteve ao meu lado e em tantos momentos me carregou nos braços.

Aos irmãos de luz, que me auxiliam e guiam meus passos pelos caminhos trilhados desde o meu nascimento até o término da minha missão aqui na Terra. Aos anjos de luz, que me protegeram e livraram-me do perigo.

Agradecer especialmente a meu companheiro, Erivelto Almeida de Oliveira, pelo apoio, incentivo e pela compreensão durante dois longos anos de “ausência”, pela demonstração de sabedoria e grandeza ao suporte de nossa família. Pelas suas palavras de incentivo e carinho, que me auxiliaram e deram-me força para a conclusão deste estudo.

A minha filha, Maria Heloísa, pelo apoio, carinho, amor incondicional, chegando a dormir no sofá enquanto eu realizava meus estudos. Espero poder compensar-lhe as horas de brincadeiras interrompidas, os passeios frustrados, a ausência em momentos marcantes de seu desenvolvimento e crescimento pessoal, a minha falta de paciência, de tempo para dedicar-lhe.

Não poderia deixar de agradecer a minha sogra, D. Elizete, pelo apoio, incentivo e pela contribuição nos afazeres do lar durante as minhas ausências de casa para as aulas, pesquisa e orientação do mestrado.

Dirijo um agradecimento especial à minha família, aos meus irmãos e, principalmente, aos responsáveis pela minha existência, Sr. Atuite e a Sr^a. Maria Ivone, carinhosamente chamados de “Painho e Mainha”, pelo apoio, incentivo e acompanhamento dos meus passos até a presente data.

Ao meu orientador e amigo, Ser iluminado, Professor Dr. Adalberto Santos, pela orientação, pelo aprendizado e apoio em todos os momentos necessários, ensinando-me que: “o aprendizado só é verdadeiro quando for baseado na premissa de confiança e cumplicidade entre mestre e aprendiz”, meu muito obrigada. Obrigada por ter me aceitado de braços abertos, acolhendo-me, sem ao menos me conhecer. Agradeço a dedicação e o cuidado que sempre teve com e para além da

minha formação intelectual, exigindo-lhe, muitas vezes, uma “paciência histórica”. É uma honra tê-lo como orientador e estar sempre aprendendo ao seu lado.

Aos professores da UFBA, Carlos Bonfim, Djalma, Leandro, Karla, pelo esmero, pela dedicação e competência com que conduziram suas aulas. Desses levo comigo a simplicidade, a amizade, a gratidão, o respeito e a confiança que fortaleceram nossa relação de mestre e aprendiz, bem como o brotar de uma amizade. Obrigada a todos vocês!

A todos os que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente aos meus colegas de classe: Antônio Brito, Antônio Sousa, Estela Batatinha, Ferdinando Melo, Getulio Silva, Leonice Souza, Maíza Messias, Roberto Lima e Romualdo Machado, pela rica troca de experiências e estímulos nas horas difíceis. Deles levo uma recordação especial e a certeza de que a união faz a força.

Agradeço, também, a todas as pessoas entrevistadas, feirantes, fregueses e moradores da cidade de Senhor do Bonfim, que contribuíram com o aprofundamento e resgate histórico necessário ao tema que estudamos, contudo agradeço, especialmente, ao Senhor Elias, Dona Marise e ao Senhor Milton, meu muito obrigada pelas horas de conversa, as memórias, lembranças, as visitas às suas barracas e as contribuições para meu estudo.

Agradecer aos amigos Waldísio Almeida, Cleide Caribé, Lúcia Margarete, Edicarlos Batista, Maria do Desterro, Àquila Gabriel e Tiago Guimarães, pelo apoio e pelas contribuições nas construções dos mapas, gráficos, acervo bibliográfico, memórias e fotografias; enfim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para essa construção.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, em especial os colegas do Setor de Gestão de Pessoas, a bibliotecária Rejane Chaves e o pessoal do Setor de Tecnologia da Informação, obrigada pelo apoio e contribuição.

À Feira de Senhor do Bonfim, a grande escola a céu aberto, onde encontrei a inspiração e a resposta a muitos questionamentos.

Por fim, não poderia deixar de agradecer a minha cidade natal, Senhor do Bonfim, Terra abençoada. Cidade que amo e levo em meu coração.

“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir ou lutar. Porque descobrir, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.”

Cora Coralina

RESUMO

A leitura imediata que se tem da *feira livre* é de um espaço para atendimento das necessidades de feirantes e fregueses por venderem e comprarem produtos. Porém, entendendo como espaço em que agentes da cultura popular desenvolvem práticas simbólicas, buscamos desenvolver uma reflexão sobre a *feira livre*, no tocante a seus saberes e fazeres, articulando-os à sociedade como processo da construção de conhecimento, que servirão de aporte para discutir as fragilidades existentes diante das tentativas de ressignificação das tradições. A *feira* representa uma experiência peculiar de sociabilidade e de uso da rua. Estudaremos, em especial, a *feira livre* da cidade de Senhor do Bonfim – Ba. Queremos, contudo, destacar a importância que esse espaço tem na contemporaneidade, não apenas enquanto locus de atividades mercantis, mas, sobretudo, como espaço diversificado, de bens simbólicos e com práticas culturais plurais. Para tanto, dialogaremos com os historiadores sociais e culturais: Néstor García Canclín, Clifford Geertz, Milton Santos, Roque de Barros Laraia, além do Stuart Hall.

Palavras-chave: cultura popular, feira livre.

ABSTRACT

Reading has shown that the open-air market, known as the fair is a free space to meet the needs of merchants and customers for selling and buying products. However, understanding how the space in which agents of popular culture develop symbolic practices, this study aim to develop a reflection on the fair, regarding their knowledge and practices, linking them to society as a process of knowledge construction, which will serve as input to discuss the existing weaknesses in the face of attempts to reframe traditions. The market is a peculiar experience of sociability and use of the street. We will study the in particular the open air market of the city Senhor do Bonfim in the state of Bahia, Brazil. This research also highlights the importance that market as a diversified space of symbolic goods and manifold cultural practices. Therefore, the analysis will include dialogues with social and cultural historians: Néstor García Canclín, Clifford Geertz, Milton Santos, Roque de Barros Laraia, besides Stuart Hall.

Key words: popular culture, open-air market.

Lista de figuras, mapas e gráficos.

	Página
Figura 01 – Feira livre antigamente	53
Figura 02 – Feira livre nos dias atuais	53
Figura 03 – Rolos de fumo	58
Figura 04 – Feira do rolo	62
Figura 05 – Aparelhos elétricos	62
Figura 06 – O escambo	62
Figura 07 – A feiraguai	63
Figura 08 – Os DVD`s piratas	63
Figura 09 – Boxes de alimentação	64
Figura 10 – Entre comidas e bebidas	64
Figura 11 – Corredores dos cereais	65
Figura12– Olha a farinha	66
Figura 13 – Boxes de carnes bovinas	66
Figura 14 – As vísceras	66
Figura 15 – As novas estruturas	66
Figura 16 – O velho jeito	69
Figura17– Frutas da região	69
Figura18– A arte de debulhar o feijão	69
Figura 19 – Aroma	70
Figura 20 – Diversidade de frutas	70
Figura 21 – O verde e amarelo	70
Figura 22 – As folhagens	70
Figura 23 – Utilidades domésticas	71
Figura 24 – Artesanato	71
Figura 25 – Candeiros de flan	71
Figura 26 – Os animais	71
Figura 27 - Os expositores de roupa	72
Figura 28 – Os manequins	73
Figura 29 – Forró pé de serra	73

Figura 30 – Encontro de sanfoneiros	73
Figura 31 – As ruas	78
Figura 32 – Os becos	78
Figura 33– A medicina popular	79
Figura 34 – As flores e plantas	79
Figura 35 – Variedades de espécies de aves	80
Figura 36 – Derivados do leite	83
Figura 37 – Exposição dos laticínios	83
Figura 38 - As novas embalagens	83
Figura 39 - Pura cultura popular	92
Figura 40 - Marcelina e seu fiel parceiro	92
Desenho do Mercado Municipal	68
Mapa 1 _ Mapa de acesso rodoviário a cidade de Bonfim- Ba	48
Mapa 2 _ Mapa rodoviário do município de Senhor do Bonfim – Ba	51
Mapa 3_ Mapa urbano da cidade de Senhor do Bonfim – Ba	60
Gráfico 1 – Gráfico comparativo das idades versus a escolaridade dos feirantes	94
Gráfico 2 – Gráfico ilustrativo das idades versus a escolaridade dos consumidores	98

Lista de siglas

ADABE – Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

ONG – Organização Não Governamental

PMSB – Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	
BUSCA PELA CONCEITUAÇÃO DA CULTURA	19
1.1 Aspectos da cultura.....	20
1.2 Cultura versus tradição.....	25
1.3 Reflexões sobre Cultura popular.....	27
CAPÍTULO II	
FEIRAS LIVRES NO MUNDO OCIDENTAL	31
2.1 Feiras e territorialidades.....	36
2.2 Avanços e novas tecnologias.....	38
2.3 Surgimento das feiras no Brasil.....	41
CAPÍTULO III	
SENHOR DO BONFIM: “TERRA DO BOM COMEÇO”	45
3.1 É o dia da feira.....	52
3.2 A distribuição das feiras de Senhor do Bonfim.....	58
3.3 Dinâmicas comerciais na feira livre de Senhor do Bonfim.....	69
CAPÍTULO IV	
O GRANDE DIA CHEGOU!	75
4.1 Os atores sociais e a informalidade	87
4.2 Perfil dos feirantes	92
4.3 Perfil dos consumidores	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICES	108
ANEXOS	124

INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, dos grandes supermercados, das compras on line, dos shoppings, das compras em grupo, deparamo-nos, em Senhor do Bonfim, com uma estrutura que mais lembra os grandes mercados de séculos passados. Um mercado a céu aberto por onde apenas é possível se deslocar a pé e com dificuldade por entre becos e ruas, entre dezenas de veredas, que permitem ao visitante se surpreender dentro de uma das maiores *feiras livres* do interior do estado da Bahia.

O encantamento, a riqueza cultural encontrada no passear entre os becos e as vielas da *feira* de Senhor do Bonfim culminou no desejo da realização deste projeto e na necessidade de compreender, caracterizar, analisar e verificar como as *feiras livres*, ao longo dos tempos, têm sido espaços de circulação da cultura popular, de modo a inferir sobre avanços e recuos, inerentes às trocas simbólicas características da cultura que acontecem há mais de um século na *feira livre* da cidade de Senhor do Bonfim, no interior da Bahia.

A *feira livre*, lugar estruturador da cidade, de sua formação urbana e também aporte cultural, destaca-se pela importância, que assume na contemporaneidade, não apenas enquanto locus de atividades mercantis, mas, sobretudo, como territórios diversificados, de bens simbólicos, com práticas culturais plurais, identitárias e memoriais. Investiga-se a *feira* enquanto fenômeno inserido no contexto da globalização, pois percebem-se nela todas as estratégias de continuidade e de adaptação que o homem exerce frente aos impactos gerados pelo mundo globalizado da contemporaneidade.

Para entendermos melhor as táticas e estratégias que os habitantes de uma cidade de porte médio do interior baiano têm utilizado para conviver num mundo globalizado, foi que elegemos como locus de investigação a *feira livre* da cidade de

Senhor do Bonfim – Bahia, visando compreender as particularidades que nos aproximam e nos distanciam dos aspectos gerais, que marcam a globalização.

Nossa escolha não se deu por acaso; partiu da relação de proximidade que temos com a *feira livre*, em destaque, resultado dos passeios que fazíamos quando menina acompanhada de nosso pai, por todos aqueles lugares. Era, literalmente, uma “viagem”: em 1981, começamos a nossa trajetória como freguesa na *feira livre de Senhor do Bonfim*, sempre incentivados e acompanhados por nosso pai e, de posse de uma cesta, realizávamos nossas compras: cordões de ouricuri cozido, beiju, biscoito de goma, cocadas; enfim, as guloseimas indispensáveis de qualquer criança.

Aos nove anos de idade, passamos a assumir a tarefa de, aos sábados, realizarmos as compras da família, uma vez que nosso pai não tinha mais disponibilidade de tempo e a sua mãe, por motivo de saúde não podia “fazer” a *feira*. Com a lista de compras em uma das mãos e a cesta na outra, descíamos a ladeira de nossa residência até as ruas onde acontecia a *feira*.

O fato de acordar muito cedo aos sábados, às 06:00, o que, para algumas crianças de sua faixa etária, parecia um sacrifício, para a autora, era diversão. O fascínio na escolha dos produtos, a chegada dos feirantes, os encontros com os amigos, o bate-papo com os feirantes, o aroma das frutas maduras, o brilho dos legumes frescos, a paquera, a degustação nas barracas de requeijão e de beiju, o jeito utilizado para se comunicar, as formas para chamar a atenção do freguês, os animais expostos para a venda, o aprendizado passado pelos mais velhos na hora de fazer escolhas; enfim, um lugar de múltiplas territorialidades, sócioeducativo e cultural engendradas por feirantes e fregueses numa rede de relações tecidas no dia da *feira*.

Passeando pela *feira*, vários questionamentos surgiram e serviram de subsídio para elegermos os objetivos a serem alcançados no desenvolvimento desta tese, que descrevemos a seguir:

- Refletir sobre a *feira livre de Senhor do Bonfim*, enfatizando os aspectos sociais e culturais que nela se inserem em função de seus aspectos organizacionais e estruturais.

- Analisar os problemas surgidos com as novas dinâmicas impostas na *feira livre* de Senhor do Bonfim.
- Verificar a importância de estudar a *feira livre de Senhor do Bonfim* como espaço de sociabilidade e trocas simbólicas marcadas pela vivência popular.

A metodologia utilizada para a construção deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, pesquisa de documentos oficiais¹ e em outras fontes, cujas informações que trazem se fizeram necessárias para a compreensão, em detalhes, da dinâmica atual da *feira*. Foram aplicados trezentos questionários, distribuídos uma centena para cada uma das categorias: feirantes que comercializam dentro do mercado municipal e dos galpões; feirantes que comercializam nas ruas e praças; fregueses em geral; Elegemos trinta questionários entre as categorias pesquisadas e realizamos as entrevistas.

As entrevistas foram gravadas e transcritas trechos, na íntegra, respaldando nosso trabalho dissertativo.

O desenho de nosso trabalho vem se delineado numa perspectiva de discutir as ressignificações da cultura na *feira livre*, os processos de constituição de diferenças e identidades, e de territórios multiculturais, que culminam na riqueza de sentidos encontrados na *feira livre*.

Observamos a linha de pensamento de alguns pesquisadores, antropólogos e estudiosos dos estudos culturais que têm lançado suas contribuições para refletirmos sobre os conceitos de cultura, cultura popular, tradição, território e *feira livre*, respaldando nosso trabalho.

No primeiro capítulo desta dissertação – BUSCA PELA CONCEITUAÇÃO DA CULTURA – são articulados os fundamentos teóricos, que instituem o quadro conceitual da cultura, conceituaremos o termo cultura, destacando os aspectos que envolvem essa conceituação, as várias significações que o termo recebeu e

¹ Consideram-se como fontes documentais: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos adquiridos em escolas, instituições, associações, igrejas, hospitais, documentos oficiais, cartas, diários, filmes, fotografias, entre outros. (MATOS; VIEIRA, 2001).

apontaremos alguns estudiosos com os quais nos identificamos e que servirão de aporte para o desenvolvimento do estudo.

Na sequência, abordaremos as diferenças e semelhanças existentes entre cultura e tradição e como esses dois conceitos estão ligados e se completam.

Trataremos da cultura popular, de modo mais peculiar; trabalharemos em comunhão com o autor Milton Santos, por encontrar semelhanças quanto ao entendimento do que seria cultura popular, não reduzida apenas à cultura de um povo ou de uma classe com menor poder econômico.

No segundo capítulo – *FEIRAS LIVRES NO MUNDO OCIDENTAL* - abordaremos o surgimento das *feiras livres* no mundo ocidental, a conceituação, as formas e as dinâmicas contemporâneas; como tudo começou até chegar ao Brasil. Trataremos das *feiras* e territorialidades que envolvem a mesma. Os avanços e as novas tecnologias como foram sentidos, o que provocaram frente a formas de comercialização utilizadas na *feira livre*. O que foi introduzido na *feira livre* fruto da globalização.

O terceiro capítulo – SENHOR DO BONFIM: “TERRA DO BOM COMEÇO”-relata a história do surgimento da cidade de Senhor do Bonfim, sua origem, seus fundadores, sua cultura e, por fim, a *feira livre*, nosso objeto de estudo, a *feira livre* enquanto lócus onde acontecem as trocas simbólicas. Faremos um passeio por entre as ruas, as praças e os becos por onde a *feira* acontece há mais de um século, desvendando os mistérios que a envolvem.

O quarto capítulo – O GRANDE DIA CHEGOU! - é dedicado aos autores sociais que compõem a feira livre de Senhor do Bonfim. A visão dos feirantes e fregueses, uma retrospectiva histórica da *feira* de Senhor do Bonfim contada pelos atores sociais que encenam no placo da *feira*, a peça da sua vida, o perfil de feirantes e consumidores; o trabalho informal, as perspectivas, os sonhos, a realidade vivenciada em Senhor do Bonfim.

A dissertação é concluída com as considerações finais a partir dos resultados alcançados no percurso da pesquisa e na elaboração da dissertação, afirmando o argumento acerca das trocas simbólicas no território da *feira livre* de Senhor do Bonfim, como ferramenta para contribuir na formação da cultura popular, colocando

em perspectiva e interseção a função da cultural popular, o papel do município e a interface com a sociedade contemporânea.

CAPÍTULO I

BUSCA PELA CONCEITUAÇÃO DA CULTURA

Historicamente, o homem tem procurado compreender os fenômenos da natureza para reverter ao seu favor os resultados do trabalho. Assim, apropriando-se dos resultados do trabalho e transmitindo as experiências passadas, foi que permitiu aos grupos e às sociedades futuras desenvolverem ações, que se dirigiam para esse objetivo comum, ou seja, a continuação da espécie. Nesse sentido, a cultura aparece como resultante das atividades humanas, que se dá pela construção das práticas cotidianas num determinado espaço e tempo.

As construções das práticas cotidianas são fomentadas pela comunicação. Comungamos com o pensamento de Nestor Garcia Canclini (2009) quando aborda a comunicação como dimensão constitutiva da vida cultural, pois uma cultura somente está viva enquanto é capaz de comunicar, ou seja, de intercambiar e interagir com outras culturas.

Tais dinâmicas são vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos e reconstruídos. Segundo Antônio Augusto Arantes (1980), a cultura é um estilo de vida próprio, um modo de vida particular, que todas as sociedades possuem e que caracteriza cada uma delas. É um conjunto de códigos desenvolvidos, aprimorados e reinventados por cada sociedade. Códigos que são passados de geração a geração como forma de manter viva sua história, a história de um povo.

Embora muito já se tenha escrito sobre cultura, tradição e cultura popular, esses conceitos ainda necessitam de definição nítida devido aos numerosos usos e perspectivas de análise. Faremos um relato desde o surgimento, as diversas formas de utilização e sua aplicação.

1.1 Aspectos da cultura

As análises sobre o conceito de cultura são amplas e complexas, e, por isso, para uma melhor abordagem metodológica, escolhemos o caminho de compreender a cultura como produção humana, constitutiva da sociedade. Assim sendo, a obra cultural corresponde a uma “*visão do mundo*” que exprime e estrutura as aspirações dos membros de um grupo. As relações interpessoais se desenvolvem no interior do campo de subjetividade criado pela prática social do seu grupo de referência e de cada membro do grupo que com esse se identifica. Há, assim, uma homologia, uma articulação entre a dimensão material (experiência existencial) e a dimensão ideal (saber constituído), que definem a cultura.

A obra cultural é a materialização do saber, do pensar e do modo de agir do criador com as estruturas mentais do consumidor cultural e a posição social que esse ocupa. É o que chamamos de dimensão material. Por outro lado, o gosto, os consumos culturais realizados estão ligados às condições sociais e econômicas que caracterizam determinada posição dentro do campo cultural, denominado aqui de dimensão ideal.

Derivada do latim, a palavra cultura, inicialmente, é definida como o cultivo de algo, com cuidar. Teve seu significado vinculado ao plantio, à agricultura. Mas o conceito de cultura passou por inúmeras redefinições, marcadas pelos acontecimentos históricos, como a Revolução Industrial, e sofreu várias transformações oriundas das mudanças sociais, que surgiram ao longo do tempo.

No século XVI, o termo cultura foi associado à concepção tradicional e singular de civilização, permanecendo até a primeira metade do século XIX. Rompe-se com as conceituações ligadas ao plantio, e passa-se a enfatizar o lado espiritual, de “cultura do espírito”, que surgiu com o Renascimento e foi fortalecido com o declínio da sociedade inglesa, até então, vista e almejada como a sociedade perfeita. Daí em diante, a discussão a respeito do conceito de cultura passou por estágios, os quais tal nomenclatura serviu para se reportar a conotações distintas, podendo ter sido utilizado no contexto agrícola ou, ainda, para conceituar um específico modo de vida.

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico “Kultur” era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa “civilization” referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Segundo Terry Eagleton (2005), ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor no vocábulo inglês Culture, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR apud LARAIA, 2006, p. 25). Com essa definição, contempla, em uma só palavra, todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos.

Ainda segundo Eagleton (2005), o conceito de Cultura, pelo menos como utilizado atualmente, foi definido pela primeira vez por Tylor. Mas o que esse fez foi formalizar uma ideia que vinha crescendo na mente humana, baseada na capacidade de obter conhecimento por meio de um processo que chamamos de endoculturação. A endoculturação consiste na capacidade que o ser humano tem de obter e armazenar conhecimento, é um processo permanente de aprendizagem de uma cultura e se inicia com assimilação de valores e experiências a partir do nascimento de um indivíduo e que se completa com a morte.

Sobre cultura, Terry Eagleton (2005) comenta “que é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua, e ao termo que é por vezes considerado seu oposto – natureza – é comumente conferido a honra de ser o mais complexo” (2005, p.9). Sintetizando, podemos dizer que a cultura é um processo cumulativo de conhecimentos e práticas resultantes das interações, conscientes e inconscientes, materiais e não materiais, formais e não formais, entre o homem e o mundo. É um processo de transmissão pelo homem, de gerações em gerações, das realizações, produções e manifestações, que se efetua no meio ambiente e na sociedade, por meio de linguagens, história e educação (formal ou não), que formam e modificam sua psicologia, sua identidade e suas relações com o mundo.

Alguns pressupostos contemporâneos fazem de “cultura” algo que pode ser tanto o retrato de uma época ou sociedade, como algum recorte específico que permeia a vida social. Dizemos que algo é cultural, quando está profundamente enraizado em determinado lugar, que se torna possível reconhecer em algo

característico, é como se fizesse parte do lugar. Outra conotação da palavra “cultura”, dessa vez mais conhecida, está mais próxima do sentido da arte e do conhecimento. Fazer um programa cultural ou ir à busca de cultura vai ao encontro da origem da palavra, mais próxima do sentido de um “cultivo de algo”. Nesse sentido, simpatiza com noções ligadas ao aprimoramento, ao desenvolvimento e à evolução.

Pensar no significado e sentido da cultura é pensar também sobre a relação entre os homens. Ao falar das transformações necessárias para superar a falsa universalidade dos direitos humanos, Boaventura Sousa Santos (2005) propõe a hermenêutica diatópica, premissa que se baseia na ideia de que toda cultura é incompleta e que, para visualizar tal incompletude, é preciso estar fora dessa cultura, assim vislumbra a possibilidade do diálogo e do intercultural. Tanto é que, Clifford James Geertz (1989, p.27) escreveu que o tema mais importante da moderna teoria antropológica era o de "diminuir a amplitude do conceito e transformá-lo num instrumento mais especializado e mais poderoso teoricamente", referindo-se, inicialmente, às teorias que consideram a cultura como um sistema adaptativo.

Por outro lado, sem resumi-la a um sistema adaptativo, Roque Laraia (2001) comenta que o diferencial do homem em relação aos outros animais é a capacidade de produzir cultura. E o pressuposto, segundo o mesmo, para o aparecimento da cultura, é a linguagem.

Tanto o antropólogo americano, quanto o brasileiro evidenciam como a cultura é construída como elemento humano e prático. Cultura pode ser entendida como pensa o sociólogo francês Pierre Bourdieu em seu conjunto de obras chama de *habitus*, ou melhor, o *habitus* seria uma série de condições que geram cultura: “[...] *habitus* torna-se uma espécie de matriz geradora de esquemas de ação e percepção social que, sob a ilusão da naturalidade, parecem ao indivíduo como absolutamente corretos e coerentes” (MARTINO, 2003, p.75).

Por meio desse sistema, as pessoas assimilam a situação de sua classe social e a expressam nas práticas cotidianas e extraordinárias, matrizes diversas, ações reguladas e atitudes num contexto específico. Tais ações sociais se apresentam ao sujeito como consequência de ações anteriores fundamentadas,

objetivas e preexistentes: “O *habitus* funciona como um princípio gerador, organizador e unificador das práticas, dos discursos, das representações, tanto ao nível do agente quanto ao nível do grupo ou da classe social” (OLIVEIRA, 2007, p. 4).

Desse modo, há uma dualidade das formas, que são as práticas culturais, a produção cultural, concomitante aos discursos. Além disso, há a práxis do cotidiano, que amplia a condição de expressão da cultura como parte dos aspectos sociais humanos. Para Bourdieu (1996), um *habitus* é uma estrutura estruturada e estruturante que responde ao polo da ação, em grande parte, à memória social, à criatividade e à mudança social.

Assim sendo, a concepção da cultura como sendo um *habitus* leva a inquirir sobre as diversidades de manifestações culturais, especificadas no contexto da criação dos diversos grupos, em suas relações sociais saturadas de valores, conceitos e visões de mundo que parecem naturais e automáticas. Por isso, ao estudar a cultura, em suas formas eruditas, de massa e popular, Hebe Oliveira (2007) destaca o *habitus* em relação a um grupo social que promove sua ação.

O início do século XX marca a resignificação do termo cultura que passou a ser utilizado no sentido mais amplo e complexo, descrevendo o desenvolvimento intelectual e espiritual de uma civilização. Segundo Adalberto Silva Santos (2007, p.51)

[...] Foi durante o século XX que a cultura adquiriu um significado pleno que abraçou o estilo de vida de uma sociedade, o desenvolvimento intelectual de um povo e o cultivo das artes, permitindo o entendimento do vínculo entre florescimento cultural do indivíduo e o seu contexto social.

Com esse entendimento de cultura, mais amplo, daremos início ao nosso estudo, bem como utilizaremos a noção de cultura, que se caracteriza por seu modo de transmissão, designada como tradição, segundo POUILLON, (1991, p. 710), afirma que: “A tradição é o que persiste de um passado no presente em que ela é transmitida. Presente em que ela continua agindo e sendo aceita pelos que a recebem e que, por sua vez, continuarão a transmiti-la ao longo das gerações”. É fato que a cultura compreende conhecimentos, artes e todos os hábitos adquiridos pelo indivíduo pelo ato de pertencer a uma sociedade e pelos bens incorporados de outras culturas.

Os bens incorporados à cultura de um povo acontece por meio da educação, formal e/ou informal. A educação é um fenômeno histórico e social, carregado de significados culturais que demonstram sua função na formação dos sujeitos. Com esse enfoque, Terezinha Azevedo Rios (1995), diz que “Educação é transmissão de cultura”, a autora afirma que,

A Cultura, enquanto elemento de sustentação da sociedade e patrimônio dos sujeitos que a constituem, precisa ser preservada e transmitida exatamente porque não está incorporada ao patrimônio natural (...), em sociedades como a nossa há uma instituição cuja função específica é a transmissão da cultura - esta instituição é a escola. Ela é o espaço de transmissão sistemática do saber historicamente acumulado pela sociedade. (RIOS, 1995, p.34)

A escola é a segunda instituição social da qual os indivíduos fazem parte; a primeira é a família. É na escola que são transmitidos, sistematicamente, o saber, os valores, a cultura, que são incorporados e agregados aos valores, hábitos, costumes do indivíduo em sociedade.

Tratando-se de aspectos sociais e culturais da sociedade, somos levados à noção de identidades que surgem do caráter cultural, étnico, racial, linguístico e religioso, desenvolvidas por diferentes sujeitos, que projetam significados e valores por meio de subjetividades, relacionadas à objetividade do espaço construído e vivido, desmitificando qualquer caráter estereotipado de determinado espaço social. Para Stuart Hall (2003),

A identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2003, p.13)

A construção da identidade, nesse caso, é fruto da historicidade do ser social, sendo exemplificada pela representação cultural, cuja questão também é notada no ambiente social. Tanto na escola, quanto na *feira*, ao receber um saber historicamente acumulado, o indivíduo tem a possibilidade de criar novos saberes. Tal afirmação pauta-se na compreensão de que o conhecimento anteriormente elaborado é resultado de processo histórico e de atuação social e política. Em suma,

cada indivíduo, cada cultura, cada grupo conserva sua particularidade e defende sua identidade recontextualizando, significando-a, agregando os bens incorporados de outras culturas a sua.

A cultura é uma poderosa ferramenta humana de sobrevivência que está em constante mutação por ser fruto da nossa mente e expressão das nossas vivências, traduzindo-se na literatura, no vestuário, na arquitetura e mesmo nos governos e suas doutrinas políticas, que não são mais do que reflexos e/ou expressões da própria cultura, uma cultura híbrida como defende Canclini. Podemos afirmar que cultura é entendida como um modo de identificação ou definição pessoal, como uma imensa teia. Uma teia de significados construídos nas interações, nas vivências, nas trocas simbólicas, com pontos em comum, que se cruzam, ressignificam e entrelaçam em alguns momentos.

1.2 Cultura versus tradição

A palavra tradição deriva do latim *traditio* que significa transmissão, algo que é transmitido do passado para o presente. Podemos, dessa forma, afirmar que tradição é um conjunto de crenças de um povo que são seguidas e partilhadas sucessivamente durante várias gerações. Costumes, vivências ou rituais são impulsionados pelo homem que transforma esses conceitos numa parte crucial da vida cotidiana.

Esse conceito também possui diferentes definições, embora não tanto quanto o conceito de cultura. Iremos apresentar a definição que julgamos mais adequada, que mais se aproxima do nosso entendimento. Entendemos que tradição expressa o conjunto de ideias, hábitos, costumes de uma determinada população, que é transmitida de uma geração para outra, sendo que seu conteúdo é caracterizado por uma forte ligação com o passado, a afetividade, as relações familiares e que, em algumas sociedades, assume o caráter de uma convicção, possuindo um forte caráter mobilizador. A tradição é, assim, tanto do ponto de vista da cultura quanto dos costumes, conservadora, pois ela visa transmitir e, por conseguinte, conservar, determinados costumes, crenças, ideias, etc.

A tradição faz parte da cultura, porém essa ainda subsiste sem a tradição. Já o inverso não se verifica, ou seja, a tradição não sobrevive alienada da cultura por ser uma das características de determinados traços culturais do povo a que se refere. Quando apresentada dessa forma, a cultura distingue-se como o derradeiro identificador humano, na medida em que as suas influências abrangerem tudo que o homem toca, pensa e faz. Não é de estranhar que, desse modo, a cultura tenha se transformado em troféu de ostentação e orgulho para muitas nações.

Tradição e cultura são palavras, que conversam mutuamente e que são empregadas para diferentes usos e conotações. O termo tradição nos leva a pensar em coisas mais antigas, anteriores às culturas do presente e ligadas a conhecimentos remotos, mas nem, por isso, menos válidos. No entanto, existem aspectos agradáveis e/ou não que se escondem tranquilamente sob o título de tradição e cultura.

Podemos finalizar afirmando que é a cultura e não a tradição que define um povo. A tradição faz parte da cultura de um povo. É o chamado patrimônio cultural imaterial. Paradoxalmente, os agentes culturais dividem-se em dois campos antagônicos no que à tradição diz respeito. Há aqueles que, em nome da cultura, sacralizam a tradição, querendo-a intocável, inatacável e absoluta. Do outro lado, há os que veem a tradição como anticultura, a força do imobilismo, o grande obstáculo à criatividade e à inovação.

Nessa perspectiva, é sempre tempo de resignificar uma tradição que o tempo e o lugar já não justificam (isto é, já não têm valor cultural) e é sempre tempo de dar origem a novas tradições ou renovar ainda outras.

Nas sociedades pré-capitalistas, as tradições eram mais fortes, generalizadas e resistentes. Na sociedade moderna, elas são, cada vez, mais fracas restritas a grupos e menos resistentes. A oposição entre tradição e modernidade deixou de ter caráter predominantemente temporal (sociedades tradicionais X sociedade moderna) e ganhou um caráter predominantemente espacial (sociedade rural X sociedade urbana). A ascensão do modo de produção capitalista é marcada pelo processo de industrialização e urbanização, tornando a cidade o centro da produção de mercadorias e de cultura.

A produção cultural no capitalismo assume um processo semelhante ao da produção de mercadorias: concentração e centralização. A cultura enquanto o conjunto das produções intelectuais continua sendo produto do conjunto da população. No entanto, a produção cultural das classes exploradas e da maioria da população não é mais totalmente espontânea e sim influenciada pelos meios de comunicação (Rádio, TV, Cinema, Jornais, etc.) e pela escola.

1.3 Reflexões sobre cultura popular

Após essas breves considerações sobre o conceito de cultura e de tradição, passaremos a refletir sobre a “cultura popular”. Também existem divergências a respeito do que viria a ser intitulado de “cultura popular”, talvez como um conjunto de regras seguidas por um grupo que, de acordo com a sugestão da palavra “popular”, nos induz à crença de tal modo se aplicar à massa, ou melhor, à grande massa populacional, que, por sua vez, seria de baixa renda (literalmente pobre).

Dos antropólogos e historiadores, como: Roque Laraia (2001), Milton Santos (2011), Clifford James Geertz (1997), Stuart Hall (2003), dentre tantos outros estudiosos, temem a conceituação mal elaborada da “cultura popular”, uma vez que aspectos como a datação, o reducionismo exacerbado à especificidade e o desprezo de outras manifestações culturais pautadas no etnocentrismo, desconfiguram a concepção apropriada daquilo, identificando como “popular”. Isso acontece, muitas vezes, em função desses caminhos seguidos pela cultura que lhes confere uma pluralidade vítima das hierarquias e dos julgamentos.

A cultura popular, segundo Gisela Gonçalves (1998), faz-se dentro de um contexto da língua vernácula de cada comunidade, em lugares como praças públicas, igrejas, tabernas, mercados, em oposição dos espaços de cultura erudita, determinada como locais de poder e de conhecimento racional. Em outras palavras, ela se faz em meio a práticas cotidianas, intrinsecamente contextuais. Por isso, a cultura popular se apresenta em meio a situações específicas de manifestações marginais ao sistema de comunicação convencional, elitizado, industrial e sistematizado nos meios midiáticos modernos. Assim, a cultura popular cria expressões próprias de comunicação, cria sistemas típicos para inter-relações

específicas no contexto de classes sociais marginais ao sistema de produção capitalista contemporâneo.

Como aponta Ortiz (1985), até meados do século XVII, a fronteira entre cultura popular e cultura de elite não estava bem delimitada, porque a nobreza participava das crenças religiosas, das superstições e dos jogos realizados pelas camadas subalternas. No entanto, pouco a pouco, começa a ocorrer o distanciamento entre a cultura de elite e a cultura popular, intensificando o processo de repressão da primeira sobre a última. Os motivos que contribuem para isso, na Europa, são, principalmente, de ordem política.

A implementação de uma política de submissão das almas com base na doutrina oficial definida pela Teologia, feita por parte da Igreja – tanto católica como protestante – e o processo de centralização do Estado, ou seja, instituição dos impostos, da segurança e da língua, podem ser identificados como os principais fatores que levaram à separação entre as duas culturas apontadas acima.

Ortiz (1985) destaca, ainda, a crescente preocupação das autoridades com práticas que geram protestos, tumultos, como o carnaval – entre outras manifestações populares. Dessa forma, o povo entra no debate moderno e passa a interessar para legitimar a hegemonia burguesa, mas incomoda como o lugar do inculto. Teve início nesse período o processo de desencantamento do mundo, baseado em valores de universalidade e racionalidade, e valorização da cultura burguesa – moderna – em detrimento da cultura popular – tradicional.

Em suma, como a cultura passa a ser feita em função de públicos, há uma circulação mais intensa dos objetos culturais enfatizada pela criação de espaços de fruição cultural coletiva. “Meios de expressão popular podem ser compreendidos como ‘espaços’ de manifestações culturais populares realizadas por comunidades rurais ou urbanas, possibilitando, então, a troca de informações de fatos e ideias entre os agentes sociais e entre comunidades. São os espaços culturais que possibilitam as pessoas se encontrarem e trocarem informações” (OLIVEIRA, 2007, p.67), portanto cultura popular é a cultura dos segmentos não hegemônicos, não dominantes. É o resultado de uma interação contínua entre pessoas de determinadas regiões.

A cultura popular nasce da adaptação do homem ao ambiente onde vive, abrangendo inúmeras áreas de conhecimento e formas de expressão como: crenças, artes, moral, linguagem, ideias, hábitos, tradições, usos e costumes, artesanato, folclore, etc.

As diversas formas de expressão popular acontecem nos espaços habituais que formam o *ethos* de determinada comunidade e podem ser traduzidas concretamente em eventos da cultura, tais como festas religiosas, cultos, produção e comercialização como as *feiras*, conversas e botequins, festas populares. Podemos, dentre elas, citar o carnaval e as festas juninas, e celebrações cívicas. Essas manifestações se concretizam oralmente, em gestos, interagindo com um cotidiano que confirma e nega a sociedade moderna. “As manifestações populares são, portanto, espaços onde convivem profano/sagrado, rico/pobre, patrão/empregado” (OLIVEIRA, 2007, p. 70).

Entendemos que a cultura popular se refere à interação entre pessoas de uma mesma sociedade, que varia de acordo com as transformações ocorridas no meio social e que pode ter várias origens, já que uma comunidade pode ser composta por pessoas de vários territórios que compartilham a cultura de sua nação, formando uma nova.

Para Edilene Matos (2010), cultura popular é entendida como uma manifestação espontânea e sem limites, como afirma a escritora:

[...] entendo por popular toda manifestação cultural de caráter universal, nascida de modo espontâneo e totalmente indiferente a tudo que seja imposto pela cultura oficial. A cultura popular desconhece normas e limites, está acima de qualquer tipo de aprovação social. A cultura popular não conhece fronteiras de tempo nem lugar. A cultura popular envolve elementos humanos, éticos, políticos e sociais, sem descuidar da forma, evocando sempre a beleza (p.87).

No entanto, entendemos que cultura popular é toda manifestação de um povo. A cultura popular não nasce espontaneamente; pelo contrário, segue critérios impostos pela cultura dominante; portanto, possui normas e limites. Sua aprovação frente à sociedade tem de ser reconhecida, ou seja, sua aceitação perante a população é que define se é popular ou não, impondo-lhe limites e fronteiras.

Utilizaremos a cultura popular como suporte no desenvolvimento deste projeto, no qual comungamos com o pensamento e ideias do escritor Milton Santos (2001), de que cultura popular é qualquer manifestação cultural (dança, música, festas, literatura, folclore, arte, etc.) em que o povo produz e participa de forma ativa. Surge das tradições e dos costumes e é transmitida de geração para geração, principalmente, de forma oral.

A cultura popular é conservadora e inovadora ao mesmo tempo no sentido em que é ligada à tradição, mas incorpora novos elementos culturais. Muitas vezes, a incorporação desses elementos da cultura popular colabora para a transformação de algumas práticas culturais populares em espetáculos para turistas.

O olhar sobre tal realidade, os espetáculos, a *feira livre* de Senhor do Bonfim nos permitiu, por meio de fontes orais e observações em campo, adentrar no universo dos sujeitos do campo, revelando tempos e espaços de diversos atores sociais e identidades. Nesse mundo, nota-se um campo multidimensional em que educação, cultura e identidade representam as dimensões do território, permeadas pelas relações sociais e as trocas simbólicas e, percebendo a Educação como um fenômeno histórico e social, carregado de significados culturais, ___ demonstram sua função na formação dos sujeitos.

CAPÍTULO II

FEIRAS LIVRES NO MUNDO OCIDENTAL E AS DINÂMICAS CONTEMPORÂNEAS

Atribui-se à Idade Média a oficialização das *feiras*, tendo em vista que, na época dos faraós, no período escravagista, bem como na fase do feudalismo, não existiam tão acirradamente as *feiras*, por causa da produção para autoconsumo. No sistema de trabalho da comunidade dos faraós, era estritamente voltado para produzir e, em seguida, consumir, porque os faraós não tinham interesse em produzir para revenda. A manutenção era realizada pelos escravos, que deveriam produzir os bens de luxo para aqueles que detinham o poder.

A formação de excedentes de produção é a principal causa da origem das *feiras*. O intercâmbio das mercadorias se deu pelas necessidades de uns do que sobrava de outros. Tal mercado ocorre, inicialmente, entre grupos e, posteriormente, em lugares, onde se poderiam encontrar as mercadorias de que se necessitava, ou mesmo aquelas que não se pudesse produzir. Os primeiros modos de troca deram-se em espécie (mercadorias por mercadorias) e depois com a utilização de dinheiro (mercadoria por dinheiro).

Esse foi o estímulo à expansão, que fez com que os produtos do Extremo Oriente fossem distribuídos via Mediterrâneo com grandes lucros, tais como especiarias, perfumes, joias e sedas, muito procurados em tal época. A abertura para o Oriente fez com que os grandes comércios fossem implementados fundamentalmente nas cidades de Veneza, Gênova e Pisa e, dessa forma, aumentando a concorrência entre os vendedores da época das grandes aventuras em busca de compra e vendas de produtos supérfluos e necessários, nos longínquos pontos da terra.

Com a missão dos mercadores da Idade Média, estimulou-se a transação de compra e venda e, por extensão, a formação das *feiras*, envolvendo drogas, musselinas, sedas, especiarias e tapetes, expostos em *feiras livres*. Nessa estrutura comercial, determinam-se os preços pelas forças competitivas do mercado, surgindo lentamente a concorrência entre os comerciantes medievais.

Com a decadência do Império Romano, as *feiras* medievais representaram o momento no qual ressurgiu o comércio na Europa, a partir do final do período em que as pessoas viviam em territórios limitados e produziam tudo o que precisavam, e quando faltava algo conseguiam por meio de trocas.

A insegurança provocada pelas invasões dos séculos IX e X levou os europeus ocidentais a buscarem proteção. Houve grande migração das cidades para o campo, caracterizando um processo de ruralização. Esse período ficou conhecido pela forma de organização política, social e econômica dominante na Europa ocidental. Caracterizava-se por ter, na agricultura, sua principal atividade produtiva. Baseava-se em uma sociedade rigidamente hierarquizada. O poder político estava fragmentado: entre os senhores feudais e o clero.

A Baixa Idade Média corresponde ao período compreendido entre os séculos XII e meados do século XV. Nesse período histórico, ocorreram várias transformações no feudalismo, como o renascimento do mundo urbano e o reaquecimento das atividades comerciais, o fim do trabalho servil, o surgimento da burguesia, a centralização política nas mãos dos monarcas, as crises da igreja Católica, dentre outros fatores que ocasionaram uma crise e desencadearam a queda do sistema feudal e surgimento para o capitalismo.

Para confirmar que as *feiras* tiveram realmente sua consolidação na Idade Média, escreveu Armando Souto Maior (1978, p. 190) que:

[...] as influências das atividades comerciais de Bizâncio foram vis não somente para a Idade Média, mas até para a Idade Moderna, pois o renovado contacto comercial com o Oriente foi uma das causas principais do aparecimento de muitas cidades do Ocidente europeu e a concorrência comercial estimulou os descobrimentos e a expansão da civilização européia no século XVI.

Por volta 1.117, a palavra “*Feira*” foi utilizada para caracterizar uma reunião de compradores e vendedores, em determinado local e hora, com a finalidade de comercializar diferentes produtos (HOUAISS, 1992). As primeiras referências às *feiras* aparecem em meio ao comércio, às festividades religiosas e aos dias santos. A palavra latina *feria* que deu origem à portuguesa *feira*, significa dia santo, feriado. Nessa época, o comércio de alimentos era comum, bem como todos os artigos de troca, animais, vestuário, utensílios e os festivais de manifestações artísticas: música, poesia, artes dramáticas, malabarismos etc.

A intensificação do comércio provocou o aparecimento das *feiras*, que eram realizadas estrategicamente em áreas onde rotas comerciais se cruzavam, dando início ao surgimento das *feiras* medievais. Esses espaços de comércio tornaram-se tão importantes que, durante os dias de sua realização, interrompiam-se guerras, garantido a paz necessária para que os vendedores pudessem trabalhar, além de se converterem em espaços de celebrações e festas.

Os mercadores medievais realizavam as transações comerciais e intermediavam as trocas numa atividade eminentemente itinerante, fazendo com que, durante as *feiras livres*, dezenas de saltimbancos, fazendo malabarismos, procuravam divertir o povo que se movia de barraca em barraca. Esses eventos têm origem na Europa e tiveram papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial do século XIII.

Feiras sempre revelaram um aspecto comercial, onde mercadores de terras distantes juntavam-se, trazendo os seus produtos para trocar por outros. O fluxo de pessoas aumentou tanto que os locais onde se realizavam algumas *feiras* acabaram se transformando em cidades.

A partir da revolução comercial, as *feiras* adquiriram notoriedade e firmaram-se entre as camadas mais populares em locais onde a população realizava trocas ou vendia seus produtos. Para se entender como estão localizadas as *feiras livres*, buscou-se a explicação encontrada no Estudo da Fundação Ford (2004, P. 24).

As feiras públicas são localizadas e/ou criadas em espaço público dentro da comunidade. Esse é um aspecto visível das feiras – a criação de um local convidativo, seguro e ativo, que atrai todo tipo de pessoas. (...) Como um lugar efetivo onde as pessoas se misturam, feiras públicas se tornaram o coração e a alma da comunidade, ou seja, um local onde as pessoas

interagem facilmente e onde inúmeras atividades da comunidade acontecem.

As *feiras* originaram-se da formação de excedentes de produção que eram usados, por certos consumidores, como moeda de troca em determinados dias da semana ou do mês, havendo a necessidade de troca de mercadorias, primeiramente, entre grupos vizinhos e, posteriormente, disponibilizando os produtos para grupos do entorno das comunidades. A troca de mercadorias, estimulada pelo fato de sobrarem alguns produtos que faltavam a outros e vice-versa, acabou por promover o surgimento dos mercados, locais onde se podiam encontrar os produtos que não eram produzidos na comunidade.

A *feira* é uma tradicional instituição que, ao lado dos grandes castelos feudais, eram organizados espaços ambulantes para que se pudessem intercambiar produtos. Desse período até a atualidade, a *feira* foi adquirindo múltiplas faces e formas, diversificando-se em tipologia de acordo com cada país, cidade ou comunidade onde se estabelece.

Inúmeras são as referências às *feiras livres* enquanto espaço de comercialização dos mais distintos tipos de produtos agrícolas e não agrícolas, em estado bruto ou transformados. Historicamente, as *feiras* adquiriram uma importância muito grande que ultrapassa seu papel comercial, transformando-se, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades congregavam, estabelecendo laços de sociabilidade. Conseqüentemente, as *feiras livres* são fenômenos econômicos, educacionais e sócio-culturais antigos, conhecidos por vários grupos humanos.

O surgimento das *feiras* foi acompanhado de uma demanda das pessoas, por oferecer um ambiente onde se pudesse agregar a maioria dos produtos, disponibilizando-os a um maior número de pessoas, vendendo ou trocando excessos por outros produtos dos quais se tinha falta. É importante destacar que as autoridades tinham grande interesse na colocação de *feiras* em suas regiões, porque elas contribuía para o aumento do fluxo de recursos e de pessoas nas mesmas, bem como seriam negociados os produtos da própria comunidade.

Desse modo, Leo Huberman (1976) pondera uma distinção fundamental entre mercado e *feira*, pois, no primeiro, em menores proporções, eram negociados os

produtos locais, de origem agrícola. Na segunda, de maiores proporções, eram negociadas mercadorias vindas de diversos pontos do mundo, exercendo o papel de centro distribuidor, pois eram negociadas por atacado. A *feira livre* era o centro distribuidor, onde grandes mercadores compravam e vendiam as mercadorias oriundas do Oriente e Ocidente.

A necessidade de um mercado próximo levou o aparecimento das grandes *feiras* em torno das praças, largos e até pequenas ruas, onde o burburinho das pessoas movimentava a vida, por vezes, tão pacata e deu origem ao surgimento de várias cidades.

O preço estabelecido pelo próprio mercado resultava de transações transparentes e voluntárias e todos os vendedores e compradores submetiam ao preço definido pelo mercado.

Hoje, mercados e *feiras* equivalem-se em termos de poder de troca. As *feiras* se mantiveram através dos séculos, certamente, porque são imbatíveis perante outras formas de comercialização de produtos, dada a qualidade dos gêneros e também aos preços baixos, deixando a relação de troca mais transparente e protegida contra abusos.

Segundo Rute Vieira (2004), as *feiras livres* constituem-se em uma prática comercial muito antiga, que garantia o suprimento de gêneros alimentícios das cidades. Embora percebida como modelo comercial, que utiliza práticas de negociações não muito utilizadas na contemporaneidade, pois preservam características medievais, as *feiras* ainda hoje promovem o desenvolvimento econômico e social, fomentando a economia das pequenas cidades interioranas.

Quanto menor o município, mais importante a *feira* para o desenvolvimento local, pois garante a comercialização da produção familiar, da pequena agroindústria e de produtos artesanais, bem como movimenta a vida econômica da cidade e influencia no aumento populacional do município.

A *feira* também favorece outros setores da economia, por meio da circulação de capital pelos feirantes, que, após a comercialização de seus produtos, costumam comprar, à vista, em vários estabelecimentos do município, tais como supermercados, lojas de roupas, sapatos, produtos agrícolas, farmácias, material de construção, etc.

Nos tempos modernos, as *feiras* têm diversificado o oferecimento de produtos. As que conhecemos hoje dispõem de hortifrutigranjeiros, artesanato, quitandas, produtos importados, ou seja, desde produtos sofisticados até mínimas coisas para as camadas mais populares. Elas representam um ponto de encontro entre vendedores e compradores – feirantes e fregueses – visitantes, turistas, passantes para realizar todo o tipo de troca de produtos. As *feiras livres* constituem o princípio fundamental dos mercados modernos.

Dolzani e Jesus (2004) descrevem a *feira* como um microcosmo do panorama socioeconômico e cultural de algumas cidades. Podemos acrescentar que a *feira* não se configura apenas como uma arena de compra e venda, mas também encontros e lazer é um fato social com características peculiares. Nela, as pessoas se encontram, trocam informações, fazem articulações políticas ou simplesmente se divertem. A *feira livre* tem resistido às inovações contemporâneas, sem acompanhar a evolução dos mercados e dos serviços prestados ao consumidor na comercialização de alimentos.

Observamos que as *feiras* apresentam problemas como: falta de higiene, má estrutura das barracas, comercialização de produtos não permitidos, falta de segurança e desorganização. Tais problemas colocam em risco a sobrevivência das mesmas, agravando-se pela falta de fiscalização e inadequação das instalações e péssimas condições de trabalho. O cenário de evolução das *feiras* apresenta inúmeras possibilidades de pesquisa, podendo ser avaliado tanto seus aspectos econômicos como sociais e culturais.

2.1 Feira e territorialidade

É extremamente necessário esclarecer o que entendemos por território e por territorialidade. O primeiro tema nasce com uma dupla significação, material e simbólica. Assim, território tem a ver com poder, no sentido de dominação e apropriação. Já a territorialidade diz respeito às relações econômicas e culturais, ligadas ao modo como as pessoas dão significado ao lugar, relação de pertencimento.

Sack apud Haesbaert (1986) afirma que: “A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado” (p.219). A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra” (p. 219), como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar.

Sobre território, podemos afirmar que as novas tecnologias tornaram o mundo um lugar pequeno em relação ao espaço-tempo vivido. Conectando pessoas, permitindo que possam percorrer os espaços geográficos, fez-se surgir novos territórios com conformação pouco definida e que precisam ser estudados. Por isso é que a *feira*, espaço que, atravessado pelas contingências da sociedade contemporânea e de suas tecnologias, abriga multiplicidades de territórios simbólicos. Para Haesbaert (2005), o deslocamento para outros territórios nos dá a ideia de novos pertencimentos, de novas realidades culturais.

A conquista de territórios é uma prática milenar, desde os primórdios das civilizações aos tempos atuais a conquista de novos territórios é objeto de desejos dos sujeitos. Enquanto que a apropriação das terras e a conquista do poder nos tempos passados eram pelo deslocamento físico e batalhas, hoje a conquista de novos territórios já se configura pelo imediatismo, não só no deslocamento físico como também virtual. Dessa maneira, qualquer indivíduo pode se deslocar para vários territórios, até mesmo sem sair de sua própria casa. Isso implica dizer que vivemos uma realidade multiterritorial. Como afirma Haesbaert,

[] hoje, principalmente com o novo aparato tecnológico-informacional à nossa disposição, de uma multiterritorialidade não apenas por deslocamento físico como também por “conectividade virtual”, a capacidade de interagirmos à distância, influenciando e, de alguma forma, integrando outros territórios (2005, p.12).

No atual contexto, as *feiras* encontram-se espalhadas por todo o território nacional e se apresentam de um modo bastante diversificado, muitas das quais formam parte da própria matriz cultural dos territórios.

[...] mais do que de “território ” unitário como estado ou condição clara e estaticamente definida, devemos priorizar assim a dinâmica combinada de múltiplos territórios ou “multiterritorialidades”, (...) No caso de um indivíduo e/ou grupo social mais coeso, podemos dizer que eles constroem seus (multi) territórios integrando, de alguma forma, num mesmo conjunto, sua experiência cultural, econômica e política em relação ao espaço. (HAESBAERT, 2007, p.341)

Nesse conjunto de múltiplos territórios, compartilham-se saberes, histórias de vidas, experiências, práticas culturais e religiosas num único espaço, simbolizado no seu modo de vida, nas suas relações produtivas e nos laços de sociabilidade. Partindo desse pressuposto, iremos analisar a *feira livre* de Senhor do Bonfim como um imenso território possuidor de riquezas que mexem com os sentidos, nos aproximamos do pensamento de Milton Santos (2011; p. 13 - 14), quando afirma que:

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e dos sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da resistência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

A concepção de território que norteia este estudo está pautada no conceito estabelecido por Santos (2011), pois entendemos que esse nos remete a uma concepção de território que evidencia tanto os aspectos físico-espaciais, quanto simbólicos, ou seja, ao tomar o território com chão ele destaca seu caráter físico, mas associa a essa fisicalidade a questão da identidade e do pertencimento, reconhecendo no território a sua competência como espaço simbólico portador da capacidade dos seres em resistir. Assim podemos pensar a *feira livre* de Senhor do Bonfim como um território no qual desembocam paixões, forças, fraquezas, e se realizam manifestações culturais de um povo, transmitidas de geração a geração.

2.2 Avanços e novas tecnologias

A partir da década de 1970, um novo processo de reorganização das forças produtivas econômicas, em termos internacionais, ganhou força e intensidade. Essa nova organização do capitalismo apoia-se numa série de práticas políticas e econômicas, envolvendo os setores públicos, empresas particulares, universidade e organizações não governamentais. A esse processo dá-se o nome de globalização.

O processo de globalização está extremamente ligado às revoluções tecnológicas, porque foram elas que deram dinamismo e rapidez ao mercado. As tecnologias que podem ser relacionadas a essa questão estão, principalmente, nas telecomunicações e no transporte.

Com todos os aparatos tecnológicos, foi possível haver um aumento significativo nas relações entre os países, relações que provocaram a expansão das multinacionais ou transnacionais e, também, uma globalização da produção. Na mesma proporção que aumentaram as tecnologias e as relações comerciais entre os países, também atingiu a adequação às novas exigências de um mercado mundial cada vez mais competitivo, iniciando uma nova etapa, com a formação de gigantescos impérios empresariais como as fusões de grandes empresas que têm como finalidade fortalecer e dominar o mercado e os monopólios.

O fenômeno da globalização está inserido nas revoluções tecnológicas. A maior evidência disso são os postos de trabalho que há cerca de dez anos deram lugar à máquina. Para alguns, o avanço tecnológico poderá acabar com a maioria dos empregos atuais; outros acreditam que as inovações acabam gerando novos postos de trabalho, pois o mercado do mundo globalizado exige mão de obra qualificada. Hoje em dia, o importante para o mercado de trabalho é que as pessoas tenham capacidade de exercer múltiplas funções, é preciso ter, além disso, qualificação e escolaridade.

Os avanços tecnológicos e a globalização geraram novas formas e novos significados para a conjuntura nacional e internacional. Observamos que, se por um lado, as tecnologias vieram dinamizar as várias instâncias da vida social e, sobretudo, do mundo do trabalho, por outro, a globalização ampliou as desigualdades sociais de modo nunca antes visto. Na realidade, o que se verifica é que tais processos contribuíram para que aumentasse o distanciamento entre os povos, favorecendo conflitos e agravando as condições de vida e do trabalho.

Para Santos (2001), o processo de globalização acentuou os contrastes sociais por todo o mundo, como cita abaixo:

A fome deixa de ser um fato isolado ou ocasional e passa a ser um dado generalizado e permanente. Ela atinge 800 milhões de pessoas espalhadas por todos os continentes. Quando os progressos da medicina e da informação deviam autorizar uma redução substancial dos problemas de saúde, sabemos que 14 milhões de pessoas morrem todos os dias, antes do quinto ano de vida.

No fim do século XX havia mais de 600 milhões de pobres do que em 1960 (...) o fato, porém, é que a pobreza, tanto quanto o desemprego, é considerado como algo “natural”, inerente a seu próprio processo. (SANTOS, p. 59).

No mundo globalizado, as decisões de um governo ou empresa influentes podem provocar efeitos em regiões distantes do lugar onde foram tomadas. Segundo Anita Kon (1997, p.65): “Os reflexos da aceleração do progresso tecnológico nas últimas décadas e do processo de globalização econômica foram intensos sobre a natureza e sobre a divisão nacional e internacional do trabalho”.

Desse modo, com o discurso unificador e homogeneizado, sobretudo da cultura, a globalização alargou as divergências existentes entre povos, sociedades e indivíduos. Analisando esse aspecto, Manuel Castells (1999, p. 93-94) ressalta que:

“A globalização e a informacionalização, determinadas pelas redes de riqueza, tecnologia e poder, estão transformando nosso mundo, possibilitando a melhoria de nossa capacidade produtiva, criatividade cultural e potencial de comunicação. Ao mesmo tempo, estão privando as sociedades de direitos políticos e privilégios. À medida que as instituições do Estado e as organizações da sociedade civil fundamentam-se na cultura, história e geografia, repentina aceleração do tempo histórico, aliada à abstração do poder em uma rede de computadores, vem desintegrando os mecanismos atuais de controle social e de representação política. À exceção de uma elite reduzida de globopolitanos (meio seres humanos, meio fluxos), as pessoas em todo o mundo se ressentem da perda de controle sobre suas próprias vidas, seu meio, seus empregos, suas economias, seus governos, seus países e, em última análise, sobre o destino do planeta.”

Desse modo, torna-se necessário discutir, no âmbito do debate contemporâneo sobre a cultura popular, os desafios enfrentados diante de um contexto mundial globalizado. Uma sociedade plural tanto do ponto de vista cultural,

quanto étnico e racial, desfruta dos avanços tecnológicos gerado pela globalização que são assimilados e incorporados pelas gerações, proporcionando desenvolvimento. Buscando discutir os obstáculos impostos pelo mundo globalizado, traçaremos uma conexão entre a *feira livre* de Senhor do Bonfim com os avanços tecnológicos que foram assimilados e incorporados pelos feirantes e fregueses por meio das gerações. Considerando que a estrutura local define a maior parte de nossas vidas (Geertz, 1999), ela está hibridizada pela expansão urbana e padronizada pelo consumismo capitalista da globalização.

2.3 Surgimento da *feira* no Brasil

No Brasil, há evidências de *feiras livres* desde os tempos da colonização. O costume veio com os portugueses. No Brasil Colônia, desenvolveram-se da mesma forma que tantas outras na Europa. Elas localizavam-se em grandes pátios em frente a um marco, como uma igreja ou um largo, e eram rodeadas por inúmeras casas comerciais. Nelas, eram vendidos os produtos da região. E apesar da modernidade, resistem e, em muitas cidades do interior do país, é o único local de comércio da população, funcionando também como centros de educação, cultura e entretenimento.

A *feira livre* ocorre em locais públicos. Nesses espaços de integração social, as comunidades praticam, semanalmente, um comércio voltado à venda de produtos frescos (verduras, frutas, carnes, tapioca, etc.) para os moradores da localidade. As atividades desenvolvidas no interior da *feira* – comerciais culturais e educacionais – provocam a construção de territórios delimitados materialmente ou circunscritos simbolicamente. Dessa maneira, a *feira* é, reconhecidamente, um espaço – um mundo – de percepções, sentidos e interações, no qual redes de educação, sociabilidades e culturas são tecidas por feirantes e fregueses. Assim, as construções simbólicas inerentes à constituição de territórios fazem desse local, ao mesmo tempo, território funcional e simbólico, pois exerce-se domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. Como nas sociedades tradicionais, nesse território, exercem-se funções materiais,

responsáveis pelo sustento, mas, por outro lado, identificam-se referentes simbólicos fundamentais à manutenção da cultura.

Enquanto território funcional, as *feiras* definem-se enquanto lugar. A conceituação de lugar começou a ser construída na Antropologia, nos estudos sobre religião. Inspirando-se na noção de “sagrado” e “profano” que, para Émile Durkheim (1989), representava a distinção formal entre espaço, ritual, local religioso e não religioso. No entanto, a *Feira* se tornou um Território, um lócus de encontros culturais significativos, a expressão maior da vida da cidade, do município e de toda a região circunvizinha. Isso porque, ao mesmo tempo, em que a *feira* foi se tornando um centro de irradiação e de convergência da economia local, tornou-se, pouco a pouco, um grande cenário pelo qual os criadores populares vieram mostrar sua criatividade artística e seus produtos, divulgá-los, vendê-los e, da *Feira*, irradiou-se pelo Brasil afora. Com o advento de outras formas de comercialização, a *feira* de além, de polo comercial importante tornou-se um território de preservação da identidade e de resistência cultural.

A *feira livre* é, para a maioria dos leigos, vista como um local onde comumente se estabelecem relações comerciais apenas. Divergindo desse tipo de opinião, consideramos que a *feira* constitui-se num grande cenário de expressões culturais do povo, por possuir características revitalizadoras e reforçadoras da cultura popular. Nesse espaço, podem ser identificados e visualizados aspectos definidores de uma região ou localidade, que evidenciam valores, costumes, formas de viver, laços de sociabilidade e convivência.

A partir de meados do século XX, as formas de comercialização e os hábitos de consumo se transformaram muito em todo o mundo. Os antigos mercados e as *feiras livres* – assim como o pequeno comércio de bairro – foram entrando em decadência e desaparecendo, na medida em que as grandes lojas de departamentos e as redes de supermercados alteravam completamente o perfil e a escala do varejo, bem como os hábitos de compra de significativas parcelas da população urbana do planeta. Mas, por que, num cenário tão adverso, alguns mercados e *feiras* permaneceram?

Sem dúvida, a especificidade de certas situações sócioeconômicas e algumas características do chamado capitalismo avançado explicam esse fenômeno. Um dos

traços mais marcantes do atual sistema produtivo mundial são as estratégias comerciais voltadas para a fusão de corporações e para a expansão terceirizada mediante a franquia de marcas com vistas à criação de sinergias entre produtos, de aglomerados ou de “clusters” de atividades relacionadas.

Os pequenos comerciantes têm, cada vez, menos como resistir às grandes corporações que dominam a atividade, as quais, para manterem margens de lucro elevadas e expandirem suas marcas comerciais, transformaram-se em intermediários ou varejistas de luxo de bens produzidos a baixíssimo preço nos países periféricos. Essas corporações – muitas das quais originárias de antigas manufaturas – compram esses produtos na periferia do mundo da mesma forma como a indústria de base compra matéria-prima.

Um dos efeitos colaterais desse esquema, que tem rebatimentos nas áreas que ficam fora dessa linha de produção, é o crescimento do desemprego, a precarização das relações de trabalho e a proliferação de empregos temporários, como resultado da crescente oferta de mão de obra barata e desqualificada. Como exemplo, citaremos o aumento considerado de confecções, a pirataria de CD`s, DVD`s, roupas, calçados que invadiram o mercado.

Embora o caráter mercantil seja colocado em primeiro plano, apresentando-se como o principal motivo para a *feira*, ao longo do tempo, essa se desenvolveu de forma lúdica, solta e livre, como o seu próprio nome diz. Adaptando-se aos tempos em relação à mercadoria, à tecnologia e aos clientes. Equilibrando os princípios da tradição e da inovação, assim como a cultura popular, cada *feira livre* é, ao mesmo tempo, igual e diferente da anterior. Mas forças movidas pela cultura, pela tradição, pelos hábitos e costumes, além das ditadas pela mundialização da economia, também explicam porque certas *feiras* e mercados, não só permaneceram como também cresceram, destacando-se o forte papel da *feira livre* na determinação do comércio e na vida dos habitantes das cidades.

As *feiras livres* são um fato marcante no cotidiano das pequenas, médias e grandes cidades brasileiras, apesar do avanço das grandes superfícies de varejo e de hipermercados, cuja dinâmica de funcionamento é, aparentemente, conflitante com as características em que operam as *feiras livres*.

No Nordeste brasileiro é onde encontramos mais forte essa relação, não só na importância cultural, mas também socioeconômica. Segundo Arinaldo Martins de Souza apud Tiago Charles de Lima (2010, p3):

Em trabalhos sobre a realidade das feiras, não raro podemos encontrar pista que nos levem a afirmação de que diversas culturas estão nas mesmas, muito bem representadas, sobretudo em se tratando de mercados tradicionais, onde os produtos comercializados revelam muito da cultura de determinada localidade. Presente no artesanato, facilmente encontrado em qualquer um destes espaços, bem como, certos tipos de comidas típicas e artigos religiosos, como os de umbandas e/ou candomblé, que também encontram nas feiras espaço garantido, o que mais poderia estar senão representações de cultura? Algumas feiras estão tão envolvidas com as culturas das localidades em que se inserem a ponto de se tornarem pontos de referência destas últimas, Caruaru é um exemplo, bem como Campina Grande.

A partir daí, muitas cidades foram fundadas no interior do Nordeste e eram conhecidas por suas importantes feiras: Quixadá e Baturité, no Ceará, Campina Grande, na Paraíba, a *feira livre* de Caruaru, em Pernambuco, a *feira livre* de São Joaquim, em Salvador, dentre muitas outras, com histórias de surgimento e desenvolvimento comercial parecidas, com diversidade cultural, verdadeiros patrimônios imateriais; contudo, iremos nos deter na pesquisa da *feira livre* de Senhor do Bonfim, no interior do estado da Bahia.

CAPÍTULO III

SENHOR DO BONFIM: “Terra do bom começo”.

Do ponto de vista histórico, podemos dizer, com apoio na “Cartilha sobre as origens de Senhor do Bonfim”, Paulo Batista Machado, (1993) que o povoamento da região de Senhor do Bonfim tem sua origem relacionada aos acontecimentos históricos do Brasil e da Bahia nos séculos XVII e XVIII, principalmente a catequese e escravização dos índios, o ciclo do gado e a corrida em busca de ouro e pedras preciosas.

O município de Senhor do Bonfim não era muito diferente da paisagem brasileira e baiana, que encantou os europeus conforme relata MACHADO, (2007, P. 12).

No século XVII, a partir de 1600, período em que os bandeirantes e aventureiros começaram a invadir os sertões da Bahia, uma análise de nossa geografia nos fala de muito verde, muitas espécies de animais e aves, muitos rios e lagoas, muitas serras e planícies. Tais riquezas naturais ainda estão na memória de bonfinenses de gerações mais antigas. Sim, na memória de bonfinenses que viveram em senhor do Bonfim antes da chegada das estradas de rodagem, do asfalto, e de um progresso mal conduzido.

O primeiro registro data de 1697, quando foi instalado o núcleo pioneiro de toda a região, o "Arraial da Missão de Nossa Senhora das Neves do Sahy", sob a égide da Ordem dos Padres Franciscanos, catequizadores dos índios kiriris. Naquele período, o litoral da Bahia - maior centro produtor da Colônia - era dominado pela cultura em larga escala da cana-de-açúcar para exportação. O Arraial de Missão de Nossa Senhora das Neves de Sahy foi um dos mais antigos da então capitania da Bahia. Era, na verdade, uma missão religiosa, entregue à ordem de interesses políticos, sociais e econômicos.

A criação de gado, apesar de ser uma economia de subsistência, considerada menos importante do que o cultivo da cana-de-açúcar, na época, possuía grande potencial de crescimento. A demanda de carne e de animais de tração para os engenhos e o transporte de cargas era cada vez mais alta. A estratégia da Coroa Portuguesa, à época, voltava-se para a ocupação efetiva do território brasileiro, visando à integração do interior ao litoral.

Nesse contexto, a atividade pecuária representou um dos maiores instrumentos utilizados pela Coroa para atingir o objetivo de integração territorial. Em 1701, a Coroa determinou que a pecuária só fosse permitida a 10 léguas da costa, e, assim, a criação de gado foi, cada vez mais, adentrando o interior do Brasil; isso apesar das dificuldades enfrentadas devido às condições desfavoráveis ao povoamento da região, ligadas especialmente ao clima semiárido, com suas chuvas escassas e irregulares.

Ainda no final do século XVII, Senhor do Bonfim era uma simples rancharia de tropeiros, localizada na margem de uma lagoa. Os únicos habitantes ainda eram os índios. O povoamento foi iniciado com os portugueses, que seguiam a rota das bandeiras em direção às margens do rio São Francisco ou às minas de ouro de Jacobina. As terras férteis, a lagoa e o clima agradável eram o ideal para quem estava à procura de repouso, situado na zona de passagem das expedições. Os que levavam gado, ali faziam currais. Em torno de uma lagoa, muitos acabaram ficando, surgindo, assim, o segundo centro nucleador da futura Senhor do Bonfim.

De ponto obrigatório de passagem, surgia um centro comercial e agrícola. Com o crescimento da atividade pecuária, a expansão das pastagens, e o conseqüente avanço da ocupação do sertão baiano, formou-se um povoado ao redor da rancharia, às margens da estrada das Boiadas, atual BR 407. Depois de construídas as primeiras habitações, em 1750, já se formavam na área uma localidade considerável com várias edificações e com população estabelecida. O povoado foi, então, denominado de Arraial do Senhor do Bonfim da Tapera.

O arraial era um pequeno povoado e o nome que lhe fora dado faz a marca da presença portuguesa (Devoção a Senhor do Bonfim) e também traz alusão aos primeiros momentos de cultivo da terra. De acordo com Adolpho Silva (1971), em sua obra "Bonfim terra do bom começo", já existiam no arraial 600 habitantes. A

distância da então sede da comarca, Jacobina, fez com que fosse elevado à categoria de Vila, pela Carta Régia de 01 de julho de 1797. O nome passava a ser Vila Nova da Rainha. Em 28 de maio de 1885, a vila foi elevada à categoria de cidade, a cidade do Senhor do Bonfim, depois simplificada para cidade e sede do município de Bonfim. Em dezembro de 1943, o município e a cidade tiveram definitivamente o nome alterado para Senhor do Bonfim.

Um caminho que transportava gado no sertão, uma rancharia que dá pouso aos tropeiros, bandeirantes e viajantes, uma lagoa próxima para dar de beber aos bois e uma capela constituíram a oportunidade, que fez surgir uma *feira* e, depois, uma cidade, a cidade de Senhor do Bonfim. A transformação do antigo Arraial de Senhor do Bonfim da Tapera, em Vila Nova da Rainha, em ponto de apoio e de pernoite de boiadeiros e, em seguida, de tropeiros e mascates que percorriam o sertão baiano permitiu o surgimento do pequeno comércio de itens e serviços ligados à lida com o gado, que deu origem à *feira* de Senhor do Bonfim.

De ponto de apoio a Vila passou a ser também o lugar para onde os habitantes dessa região corriam para realizar suas obrigações. A cidade de Senhor do Bonfim é rota para muitas outras cidades do interior baiano, o que favoreceu o desenvolvimento local e a fixação dos viajantes.

O município de Senhor do Bonfim é sede de microrregião do mesmo nome localizada no nordeste da Bahia, aproximadamente a 380 km da capital do estado, Salvador. Localiza-se ao norte da Bahia, na região denominada de Piemonte da Diamantina. Incrustados no semiárido e no Sertão, tem contato com o cerrado em algumas áreas. Grandes são as belezas naturais da região, apesar da devastação a que vem sendo submetida, em prejuízo do equilíbrio ecológico e da falta de investimento público e privado para preservar as reservas vegetais, florestais e de caatinga, existentes no município.

No mapa da cidade, podemos visualizar as estradas que cortam o município e servem de caminho para entrada e saída dos produtos que movimentam o comércio local e regional, um dos motivos que tornaram a cidade de Senhor do Bonfim como atrativo centro comercial e polo da microrregião, reconhecida por meio da *feira livre* do município.

Registra-se uma grande variedade de pratos e bebidas típicas na culinária, dentre eles o mugunzá, o cuscuz, a umbuzada, o licor de jenipapo, a buchada de bode, o bode seco e outros.

O tipo climático da microrregião de Senhor do Bonfim é semiárido, variando de seco a subúmido em diferentes áreas. Nos últimos quarenta anos, o problema da seca e em conseqüência, da diminuição da água no município, afetou muito o setor primário da economia, a agropecuária, sendo o principal motivo da migração da população local. A base econômica do município de Senhor do Bonfim² está dividida entre o setor de comércio e serviços, que cresceu por atrair consumidores das diversas cidades da região, devido à sua localização privilegiada, a extração mineral da microrregião que também colabora para a movimentação financeira e, em menor escala, a agricultura e pecuária.

Beneficiado por sua situação geográfica, rota quase obrigatória entre o litoral do Estado e a região do São Francisco, o município desenvolveu-se como importante entreposto comercial e entroncamento viário para as regiões de Jacobina, Feira de Santana e Juazeiro, catalisando um grande número de empreendimentos e atraindo novos moradores para o local. Senhor do Bonfim consolidou-se como principal centro da região, polarizando outros menores, como Campo Formoso, Jaguarari, Pindobaçu, Itiubá, Antônio Gonçalves, Andorinha, Ponto Novo, Umburana e Filadélfia.

Durante o período inicial de formação da sua base econômica, o Município teve, na criação de gado, a sua principal atividade, ganhando espaço, ao longo dos anos, as culturas temporárias de feijão, milho, mandioca e mamona, além do cultivo de sisal e o extrativismo do ouricuri. Ao lado dessas atividades, expandiu-se o comércio, e unidades beneficiadoras de sisal, mamona, ouricuri e leite estabeleceram-se no local nos anos 70, promovendo efeitos significativos na economia municipal, que progrediu continuamente.

Na década subsequente, o declínio das culturas de sisal, mamona e ouricuri, pela substituição por produtos e fibras sintéticas, provocaram o fechamento e a migração de indústrias, mas a intensificação da atividade pecuária e a criação de

² O município de Senhor do Bonfim é formado pelos distritos de: Carrapichel, Igara, Missão do Sahy, Quicé e Tijaçu. Além dos distritos, o município possuiu dezessete povoados.

uma bacia leiteira na região minimizaram os impactos do desaquecimento da agricultura sobre a economia, tendo em vista o montante de investimentos realizados no setor de pecuária.

A política agrícola vive da agropecuária, que se mostra crítica quanto à baixa produtividade, associada à desqualificação da mão de obra, ao atraso dos padrões tecnológicos e à concentração fundiária a que estão sujeitos os produtores de mandioca, sisal, mamona, fumo e boa parte dos produtores de feijão, entre outros produtos de subsistência, produtos que dependem muito das condições climáticas.

Na verdade, a política econômica do governo da Bahia está preocupada com a competitividade dos produtos modernos, por meio da integração do setor público e do privado, tendo-se como fundamental a iniciativa estadual de construção do sistema de Transportes Barreiras/Juazeiro/Região Metropolitana de Salvador; portanto, a cidade de Senhor do Bonfim está fora da iniciativa estadual. Na Bahia, há algumas poucas “ilhas de modernidade”, a exemplo das regiões de Barreiras e de Juazeiro, com estratégias políticas voltadas para a obtenção de recursos a serem destinados prioritariamente às áreas do desenvolvimento tecnológico e a educação, em vista a integração de forma competitiva dos produtos modernos e suas regiões aos mercados globais, como o MERCOSUL.

No município de Senhor do Bonfim, as propostas de incentivo às atividades agropecuárias, como, por exemplo, a melhoria da extensão agrícola, com a implementação de convênios de cooperação técnica com ONGS regionais, a formação de redes de comercialização, a melhoria da estrutura viária para o escoamento da produção e a reestruturação fundiária, bem como o incentivo à agricultura familiar, por parte da prefeitura e do estado, começa a ser inicializada a passos lentos.

Os problemas de origem hídrica encontrados na região de Senhor do Bonfim também contribuem para limitar o aproveitamento das grandes faixas de terras propícias às pastagens e com boa fertilidade para os cultivos agrícolas. Desde o início da década de 90, do século XX, a estiagem prolongada vem causando a redução dos rebanhos e a quebra de safras, que repercutem sobre as atividades secundárias e terciárias e configuram um quadro extremamente negativo para a

população bonfinense, sentidos também na *feira livre* com o aumento dos preços dos produtos e a escassez dos mesmos.

Os maiores entraves ao pleno aproveitamento do potencial agrícola do município são a baixa pluviosidade e o regime temporário dos rios, o qual é agravado pelos desmatamentos nas áreas de serra, nas encostas dos rios e, conseqüentemente, o comprometimento das nascentes.

Mapa 2 - Mapa rodoviário do município de Senhor do Bonfim



Fonte: google maps

Dessa forma, a história recente de Senhor do Bonfim está marcada pela involução das atividades econômicas e pela dificuldade de superação da crise, por conta das deficiências hídricas e da falta de planejamento do setor primário para a redução dos efeitos das constantes secas que atingem a região e impedem o desenvolvimento do município nos níveis verificados nas décadas anteriores.

3.1 É o dia da *feira*

A *Feira Livre* de Senhor do Bonfim sempre representou uma parte importante da atividade comercial da cidade. Sua origem está ligada ao ciclo do gado. Há algum tempo, a *feira* está localizada nas Praças Dr. José Gonçalves, Augusto Sena Gomes e Castelo Branco, que são divididas pelo correio, expandindo-se até o mercado municipal e ruas transversais.

A *Feira Livre* é um lugar onde o antigo e o novo se entrelaçam (tradição x moderno) e começa a virar atrativo turístico da região e do Estado. Nela, encontram-se tipos bem baianos, como vendedores de frutas e verduras, peixeiros, artesãos, uma gama de produtos, como animais vivos, pescados, objetos de umbanda, cerâmicas, palhas, flores, bares, restaurantes, barbearia, etc. Já possuiu o título, da segunda maior *Feira Livre* do Nordeste e a primeira na Bahia em tamanho com extensão de 1,2Km e em diversidade de produtos, hoje esses dados já não condizem com a realidade local. Acontece durante todos os dias da semana, intensificando o seu movimento às sextas-feiras, porém o seu apogeu acontece aos sábados. A *feira* tem polarizado todo o território, incluindo cerca de 10 outros municípios, movimentando a cidade e seu comércio.

Nas *feiras*, são comercializados produtos diversos, como artesanato, comidas típicas, carnes, laticínios, produtos agropecuários, couros, cerâmica, utensílios domésticos, confecções, calçados, etc.

A *feira* tem grande importância cultural e econômica, funcionando também como agente indicador dos reflexos do clima do município e da sua condição econômica. Na época de chuva, por exemplo, seu tamanho aumenta muito em virtude do aumento da produção da região. Ela representa um ponto de encontro para a cidade, sendo que existem pessoas que vão à *feira* apenas para passear, ver o movimento e conversar. Na *feira*, é possível encontrar tipos característicos como as baianas, os vaqueiros com chapéu de couro e as mulheres com vestidos de chita, traços marcantes da cultura popular nordestina.

Torna-se difícil precisar a origem da *Feira Livre* em Senhor do Bonfim, entretanto Rose Mary Ferreira Almeida (2001, p. 138), organizadora de um livro, que trata entre outros aspectos, de tal manifestação cultural, complementa que:

A primeira *Feira* de Senhor do Bonfim foi à Rua Visconde do Rio Branco, ficando pouco tempo e mudando para a Praça da Igreja até a Rua José Jorge e sendo transferida pela segunda vez para a Praça Caixeiro Viajante até o Cruzeiro. Ali eram vendidos bode, café torrado em casa, café em caroço, mamona... Os cereais eram vendidos no peso - "o prato" - e era realizada apenas aos sábados. Era chamada de *feira* dos catingueiros, pois era freqüentada pela classe menos favorecida da população. Havia atrás do correio a *feira* do rolo e a *feira* do pau. Na Praça Augusto Sena Gomes bem ao centro havia a *feira* de carnes, verduras, cereais e etc.

Figura 01 – *Feira livre* antigamente



Figura 02 – *Feira livre* nos dias atuais



A *feira livre* do município de Senhor do Bonfim já serviu de palco para inspirar muitos escritores, poetas, autores. Podemos citar o escritor Bonfinense Zumar Sérgio, descreveu em versos de cordel, anexo³, de forma poética e majestosa o que é a *Feira Livre* de Senhor do Bonfim, uma riqueza cultural, marcada pela identidade forte do nordestino, expressão típica da cultura popular.

[...] A feira de Bonfim
É de grande expressão
Retrata a nossa riqueza
Abrangendo a micro região
Mostrando as belezas
De uma grande manifestação

A cultura de nossa feira
Em outro canto não há!
Ouve se o grito no sertão
É cultura milenar
É coisa boa da Bahia
É patrimônio popular...

3 Anexo 02 da dissertação

Também localizamos essas expressões no hino do município de Senhor do Bonfim, anexo⁴, uma síntese do passado histórico da cidade, onde o autor e poeta Jairo Simões consegue dar vazão às lutas econômicas e às grandezas da cidade.

[...] Salve o lavrador
Que os campos refaz
E pra nossa feira
Muito nos traz
Salve o comércio e a indústria
Na lida sem fim
Viva Bonfim.

O também bonfinense, Nivaldo Oliveira, autor do curta “Uma *feira livre* – o filme”, no qual relata a saga de uma família bonfinense que vive da agricultura familiar de subsistência para criar seus filhos, destaca a rotina da família vendendo seus produtos na *feira livre*; é o amanhecer na *feira*, desde o levantar da família, com a chegada na *feira* com os produtos levados de jegue, a venda e as transações comerciais e culturais realizadas na *feira livre*. Retrata com simplicidade a grandeza cultural, as tradições do povo, as trocas simbólicas encontradas em um dia de *feira*.

Aos sábados de *feira* é um vaivém. Vende-se de tudo na *Feira* de Senhor do Bonfim, desde folha para banhos até animais de todas as espécies, passando por pavios de candeeiros e imagens dos orixás da Bahia.

Notadamente em relação à *feira livre* de Senhor do Bonfim, comungamos com a ideia de que na atualidade, mesmo buscando a manutenção, conservação de algumas tradições, é quase impossível que elas se mantenham vivas, no decurso do tempo, sem alterações. Porém, o curioso é que, neste mesmo período, com o capitalismo periférico se instalando numa velocidade acentuada e os supermercados luxuosos e higienizados, as *feiras* continuam a existir com características múltiplas, mas mantendo a ideia de território, local de perambulações e procura de compras, vendas, trocas, consumo, paquera, prazer, sociável, como entretenimento, diversão, diálogos, amizades, furtos, vícios, enfim, polissêmicas sociabilidades.

Território onde se evidenciam os encontros, as tradições, as conversas, as compras, vendas e permutas, enfim das múltiplas territorialidades, sejam econômicas, políticas ou culturais, tecidas em mudanças que se misturam, se

4 Anexo 01 da dissertação

dissolvem, se transformam, no dia a dia, nas reproduções sociais, políticas e capitalistas da vida cotidiana.

Dessa maneira, a *feira livre* se institui, antes de tudo, em um território de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas transformações realizadas, desde a localização geográfica aos produtos comercializados, além das formas de fazer a *feira*: atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres, fomentados pelos atores sociais que frequentam e transitam pelos labirintos das *feiras*. Tais dinâmicas erguem-se numa rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos e reconstruídos.

Ao longo dos anos, a *feira de Bonfim* vem sofrendo transformações relacionadas com as alterações na sua dinâmica, resultado do processo de reestruturação. Mudanças geográficas que redefiniram sua localização, como a construção dos mercados de carnes, cereais e verduras e a demarcação do espaço físico das barracas. Essa última foi uma tentativa de padronização das mesmas, buscando padronizar e higienizar o local, tornando-o mais próximo dos padrões de assepsia e organização reclamados pelo imaginário moderno. Embora tenha ocorrido alguma resistência aos novos padrões, percebe-se com isso o surgimento de relações binárias (tradição x modernidade).

Essa resistência se deu na tentativa de preservar os valores tradicionais das comunidades. No entanto, como afirma Albuquerque Júnior (2007, p.26), “[...] as tradições são sempre invenções feitas por grupos humanos numa determinada época. Não há algo tradicional desde sempre e nada do que é tradicional está isento de modificação, de transformação”.

Hoje, a *feira de Senhor do Bonfim* acontece de segunda a sábado, às sextas e aos sábados são os dias de maiores movimentos da semana. Nas sextas feira, é caracterizada pela frequência de pessoas com maior poder aquisitivo das classes altas e médias altas da cidade, aos sábados é constituída pelas classes média e menos favorecidas do município e pelas pessoas vindas das cidades circunvizinhas. Geralmente, as classes mais pobres deixam para fazer a *feira* no final do dia quando encontra os produtos com os menores preços, a xepa.

Durante os outros dias da semana, as barracas de confecção, calçados, bijuterias, DVDs, brinquedos e utensílios importados funcionam normalmente, bem

como alguns boxes do mercado de carnes e de cereais. Aos *sábados de feira*, também acontece a *feira do rolo*, local onde você pode negociar mercadorias, trocar uma pela outra semelhante na idade média quando a prática do escambo era realizada.

Em Senhor do Bonfim, a *feira* ainda não se adequou às inovações tecnológicas, apenas uma barraca de bichos de pelúcia aceita cartões de crédito, outras poucas aceitam cheques e notas promissórias só de pessoas conhecidas dos feirantes. Outro ponto que merece especial atenção são as precárias condições de saúde pública e falta de higiene da *Feira de Senhor do Bonfim*, bem como a ausência de infraestrutura adequada para exposição das mercadorias, de limpeza e coleta de lixo, dentre outras.

É urgente a reestruturação da *feira*, o ordenamento de suas atividades, a padronização de barracas e equipamentos, o melhoramento do sistema de planejamento, gestão, controle e, também, a monitoria do trabalho de menores (alguns ainda crianças) que atuam como carregadores, fazendo o “carrego” de *feiras* e mercadorias. Quanto às transformações verificadas, percebemos como alterações na dinâmica da *feira livre* de Senhor do Bonfim resultam do processo de reestruturação e na resignificação dos conteúdos simbólicos por ela produzidos. Mas, por outro lado, sabemos que as necessidades de consumo são impostas pelo mercado, logo os produtos sofrem modificações significativas.

Além das questões acima mencionadas, é fundamental que o poder público saiba cumprir com o seu papel na fiscalização dos eventos, mas que compreenda seus limites e saiba respeitar o espaço e a importância da dinâmica da *feira*. Paraphrasing Camila Aude Guimarães, (2010, p. 18) ao mesmo tempo, sendo a *feira* um meio de divulgação e manutenção de tradições e costumes, espera-se que as famílias transmitam hábitos para outras gerações mesmo em meio ao caótico e moderno cotidiano e que as escolas possam passar aos jovens a integridade do valor dessa manifestação popular.

A *feira livre* de Senhor do Bonfim é um lugar cheio de sons, cheiros, movimentado e colorido. Talvez por isso chame a atenção numa primeira análise. O colorido das frutas e dos legumes nas barracas iluminadas pela luz do sol filtrada através das lonas e toldos proporciona um visual belíssimo. Em alguns lugares, os

raios do sol passam direto pelas frestas e pelos espaços entre as barracas, criando um efeito de iluminação incrível.

Os feirantes gritam, apregoando a qualidade de seus produtos e garantindo que o seu preço é o melhor da *feira*. Regam as hortaliças na tentativa de driblar o calor e manter as mesmas com o aspecto atraente de fresco, para despertar o olhar do freguês. Pessoas circulam muito, examinam, pechincham ou simplesmente estão à procura do que desejam. Outras já têm suas barracas preferidas, conhecem o feirante de longa data e, às vezes, parecem mais amigos do que fregueses, chegando a ir à *feira* só para reencontrar o amigo.

Em muitas barracas, nota-se que as pessoas que estão trabalhando são todas da mesma família. Em meio a tudo isso ainda existem vendedores ambulantes, com tabuleiros montados em cima de caixotes ou simplesmente no chão, que aproveitam a *feira* para tentar vender diversos produtos. Meninos se oferecem para ajudar as pessoas a carregar suas compras, suas mercadorias, ajudar a fazer a *feira*.

A *feira livre* de Senhor do Bonfim é um espaço a céu aberto, formado por vários territórios. Neles, inúmeras barracas, bancas, carroças e ambulantes com seus tabuleiros disputam espaço para vender produtos e oferecer serviços, contando com três áreas cobertas compostas pelo mercado municipal e dois galpões de verduras e frutas. Em suma: uma “confusão” perfeitamente organizada onde tudo parece funcionar na hora e no lugar certo.

A grande deficiência da *feira* é o modelo de organização de racionalidade que impera naquele espaço e que gera conflitos com os padrões urbanos requeridos pelas sociedades contemporâneas, que talvez não atenda aos anseios dos fregueses e feirantes.

As barracas têm suas estruturas de metal ou de madeira desgastadas pelo tempo e têm tamanhos diferenciados. Isso é um motivo de discórdia entre os feirantes, pois alguns acabam obtendo maiores privilégios com a ocupação de uma área maior na *feira*, enquanto que para outros fica reservado o direito de se contentarem com espaços menores, já que o pagamento da taxa de licença pela atividade é igual para todos. Outro motivo de discussão na *feira* está relacionado à presença de inúmeros feirantes não cadastrados junto à Secretaria Municipal de

Indústria e Comércio. Esses trabalham de maneira ilegal, ocupando as vias públicas sem pagar a licença para tal atividade e concorrendo com aqueles feirantes que contribuem junto à prefeitura.

3.2 A distribuição das feiras de Senhor do Bonfim

O dia de *feira* é sempre de intenso movimento e agitação de transeuntes, a *feira* de Senhor do Bonfim é uma atração à parte na cidade. Para ela, pessoas de várias localidades circunvizinhas se dirigem de ônibus, no lombo de animais e outros tipos de transportes, a fim de comprar ou expor os seus produtos e seus serviços. Do vendedor de frutas ao balaieiro, do barbeiro ao vendedor de peças do artesanato regional, todos fazem parte da *feira*. Na realidade, a *feira* de Bonfim se constitui num polo comercial, cultural e turístico baiano.

Caminhando e observando a *feira*, podemos perceber a grande vitrine de produtos que apresenta, podendo ser considerada um fenômeno social por reunir em seu interior diferentes temporalidades que se traduz em trocas simbólicas realizadas em seu interior. Ao mesmo tempo em que preserva hábitos do século XIX, como o de moer a pimenta de cominho, a venda de fumo de rolo, mantém hoje sua antena sintonizada para o global, sendo comum a venda de produtos importados, contudo a utilização da venda com cartões de crédito e débito é limitada e de forma mais lenta que os outros comerciantes (formais) da cidade. A *feira* é um lugar, com formatos próprios, características, rotinas, cheiros e ambientes muito peculiares.

Figura 03 - Rolos de fumo



As barracas são organizadas em duas e três fileiras, criando um corredor estreito para o fluxo de pessoas, de carrinhos de mão para transporte de mercadorias, de bicicletas, ambulantes para a realização de negócios. Esse comércio não está somente preso à disponibilidade das barracas, realiza-se também no chão e em suportes improvisados, além de alguns que vendem suas mercadorias transitando pelo local.

Ao longo de sua extensão, acontecem serviços secundários rotineiros daquela rua, funcionando, normalmente, nos dias de *feira*; serviços como mercearias, barbearia, salão de beleza, lanchonetes, sorveteria, farmácia, malharias, lojas de artigos religiosos, bar, açougue, supermercados, loja de material de construção, armarinhos, lojas de utensílios domésticos, etc.

É interessante perceber que, na *feira* de Bonfim, existe uma tentativa de subdivisão na qual os produtos estão colocados por área. Apenas três edificações compõem a *feira* de Bonfim: o mercado municipal e dois galpões para verduras e frutas. Apesar da existência deles, encontramos esses mesmos produtos também expostos fora do mercado e dos galpões.

A *feira* de Senhor do Bonfim é, assim, distribuída: a primeira parte fica na Praça Dr. Antônio Gonçalves, no coração da cidade, local onde estão os bancos e quiosques de bebidas e lanches, onde encontramos um pouco de tudo, entre frutas, verduras, flores, artesanato de barro, animais vivos e carne apenas de bode. Nessa parte da *feira*, o trânsito de veículos não é interrompido ao seu redor, apenas no interior da praça onde as barracas são montadas.

A primeira parte da *feira* tem seu início demarcado aos pés do cruzeiro, local onde havia uma capela quando da chegada dos primeiros “feirantes” e vai até os correios. Do lado direito da praça, ficam instaladas as barracas de brinquedos, CDs e produtos importados; no centro entre os quiosques, ficam as barracas de hortifrutigranjeiros e do lado esquerdo são comercializados animais vivos, entre bodes, ovelhas, galinhas e codornas e também as barracas com utensílios de couro, palha e cipó. Em frente aos correios, encontramos os vendedores de remédios, pomadas, garrafadas caseiras, que chamam a atenção dos consumidores, realizando a demonstração da eficácia de seus produtos, testando nas pessoas no meio da *feira*.

Na Rua Fernandes da Cunha, que liga a praça à rua de acesso ao mercado municipal encontramos barracas de cestas e sacolas para *feira*, pilão de madeira, barracas de caldo de cana, de acarajé, barracas de CD`s e DVD`s, além das barracas de frutas e verduras, que se misturam com os vendedores de produtos de limpeza.

No território seguinte, formam-se três fileiras de barracas onde encontramos barracas de carne, camarão seco e descascado, castanha, verduras, frutas, pastéis fritos na hora, requeijão, doces, temperos secos, etc.

Nas Ruas Hugo Bresani e Amazonas, acontecem a *feira* do rolo, do troca-troca, ou do pau onde são comercializados de tudo, desde bicicletas, som automotivo, eletrodomésticos, móveis, celulares, até animais. Um lugar que abriga um conjunto de práticas e comportamentos específicos para o público que a frequenta. Encontramos também armas de fogo, vendidas clandestinamente. A maioria dos produtos é de segunda mão e de origem duvidosa, muitos deles frutos de roubos e com algumas avarias. Os produtos comercializados são prioritariamente de segunda mão, na maioria são dos próprios vendedores ou frutos de procedência duvidosa (roubados). Entre os artigos vendidos, é possível encontrar bicicletas, rádios, televisores antigos, sapatos, relógios, aparelhos eletrônicos fora de linha, revólveres, celulares, etc.

A *feira* do rato funciona apenas aos sábados, situada na Rua Visconde do Rio Branco. Nela, acontece a venda de veículos automotivos e motocicleta, realizada pelos proprietários ou corretores de veículos, os produtos são expostos para venda ou troca sem burocracia nem demora, basta o freguês gostar e acertar o pagamento e já sai desfrutando de sua aquisição. Uma das suas características são os preços diferenciados de carros usados dos ofertados nas concessionárias ou casas especializadas nesse ramo do comércio e as facilidades para compra do veículo, sendo utilizada até nota promissória para efetivação da compra; a troca entre bens também é ponto forte na *feira* do rato, terrenos por motos, casas por automóveis.

Para quem observa de fora a *feira* parece um teatro cheio de personagens, cada um com sua história. Em Senhor do Bonfim, a *feira livre* é assim, um território de sonhos e possibilidades, cheio de som, cores, gosto, cheiros, cultura, diversidade, vida. A vida que move e mantém a cidade.

Figura 04 – Feira do rolo



Figura 05 – Aparelhos elétricos



Figura 06 – O escambo



A feiragui de Senhor do Bonfim é uma parte da *feira livre* onde encontramos vários artigos importados vindos da China e, principalmente, do Paraguai, daí o nome como é conhecida popularmente, são produtos adquiridos de forma ilegal, sem

recolhimento de imposto e sem passar pela alfândega. Nela, podemos encontrar relógios, carteiras, aparelhos microeletrônicos, perfumes, brinquedos de última geração, calculadoras, etc. Muitos produtos são falsificados e trazidos normalmente por intermediários e revendidos na *feira* e seus preços são bem mais acessíveis do que os praticados no comércio local.

Figura 07 – A feiragui



Figura 08 – Os DVDs piratas



Dentro do mercado municipal, nos boxes separados por alas, são comercializados carnes (bovinas, suínas, caprinas, aves e peixes), vísceras, cereais e comidas caseiras. Ao redor do mercado, podemos encontrar carnes, frutas, verduras, flores, plantas, ovos caipiras, barracas de mingau. Em frente ao mercado, na Praça Castelo Branco, ficam instalados dois galpões onde são comercializados no seu interior e arredores frutas e verduras que se misturam com temperos, ervas medicinais, guloseimas. É nessa parte da *feira* que encontramos as carnes exóticas das caças de tatu, teiú, cobras e lagartos.

O mercado municipal sofreu uma reforma e ampliação, há pouco mais de três anos. Hoje, ele abriga tanto os vendedores de carnes e seus derivados, quanto os vendedores de cereais, um salão para venda de bebidas e comidas.

Na parte final do mercado, foi construída uma grande câmara frigorífica destinada à armazenagem e conservação das carnes, que serão comercializadas. Essa iniciativa beneficiou a maioria dos feirantes que não dispunham de local adequado para armazenagem dos seus produtos perecíveis.

Internamente, no mercado municipal, tem-se uma divisão não muito rígida: logo na entrada fica a ala destinada aos boxes de comidas e bebidas, onde a culinária típica regional pode ser apreciada, como feijoada, mocotó, buchada, cozido de bode e o assado, pirão de galinha caipira, arroz de leite, sarapatel, tripa de porco frita, cuscuz, pato e o guiné cozidos no leite de ouricuri.

Distribuídos na parte inicial do mercado, os boxes de comidas e bebidas ficam estrategicamente um de frente para o outro; o meio é preenchido por mesas e cadeiras que ficam lotadas durante todo o dia da *feira*. O cheiro das comidas invade o local, o som da panela de pressão em meio ao mercado desperta sensações e fica difícil resistir ao banquete oferecido, na maioria dos boxes, aos clientes cativos.

Comidas fortes e pesadas, como são conhecidas entre os feirantes, pois asseguram uma sensação de saciedade garantida aos mesmos por longos períodos sem precisarem se alimentar e ainda degustar algumas bebidas. Dentre essas, além das convencionais encontradas em qualquer bar, merecem destaque as bebidas exóticas e afrodisíacas; no seu interior, encontram-se conservadas raiz de pau, semente, cobras, dentre outras curiosidades. Armazenadas em garrafas pet ou de vidro, vendidas no varejo em litro ou doses, contudo as bebidas quentes são mais apreciadas pelos feirantes, devido ao preço acessível.

Figura 09 – Boxes de alimentação



Figura 10 – Entre comidas e bebidas



Em seguida, vem a ala dos cereais onde encontramos farinha de mandioca, feijão carioca, feijão mulatinho, arroz, milho, entre outros produtos como vassouras de palha, sacolas para *feira*, panos de chão, produtos de limpeza de fabricação caseira, produtos industrializados como óleo, margarina, etc. A produção que abastece o local tem origem diversa: o feijão, por exemplo, vem da cidade vizinha de Filadélfia e a farinha de mandioca do distrito de Igara.

Figura 11 – Corredores dos cereais

Figura 12 - Olha a farinha



O comércio dentro do mercado funciona tanto no atacado, abastecendo os pequenos mercados da região, quanto no varejo, atendendo ao público em geral. A circulação de carrinhos de mão no interior do mercado é proibida, o que facilita a dinâmica de circulação dos comerciantes e fregueses dentro do mesmo. O mercado é aberto de domingo a domingo, sendo que, aos sábados, o movimento é maior do que os outros dias da semana. Por esse motivo nem todos os boxes abrem durante a semana.

Na sequência, temos as alas das carnes: bovina, com duas alas dedicadas a esse comércio, seguidas pela ala das aves, peixes, bode e carneiros; na lateral esquerda, a ala dos suínos, carnes comercializadas nas diversas formas para consumo: seca, fresca, defumada.

Na parte lateral interna direita do mercado, ficam a ala dos “miúdos”, as partes comestíveis das vísceras de boi e porco, o mocotó de boi, que podem ser degustadas nos boxes de alimentação. Penduradas em ganchos, expostas em balcões refrigerados e em cima de mesas para apreciação dos consumidores e adeptos de tais iguarias.

Figura 13 – Boxes das carnes bovinas



Figura 14 – As vísceras



Figura 15 – As novas estruturas



Figura 16 – O velho jeito

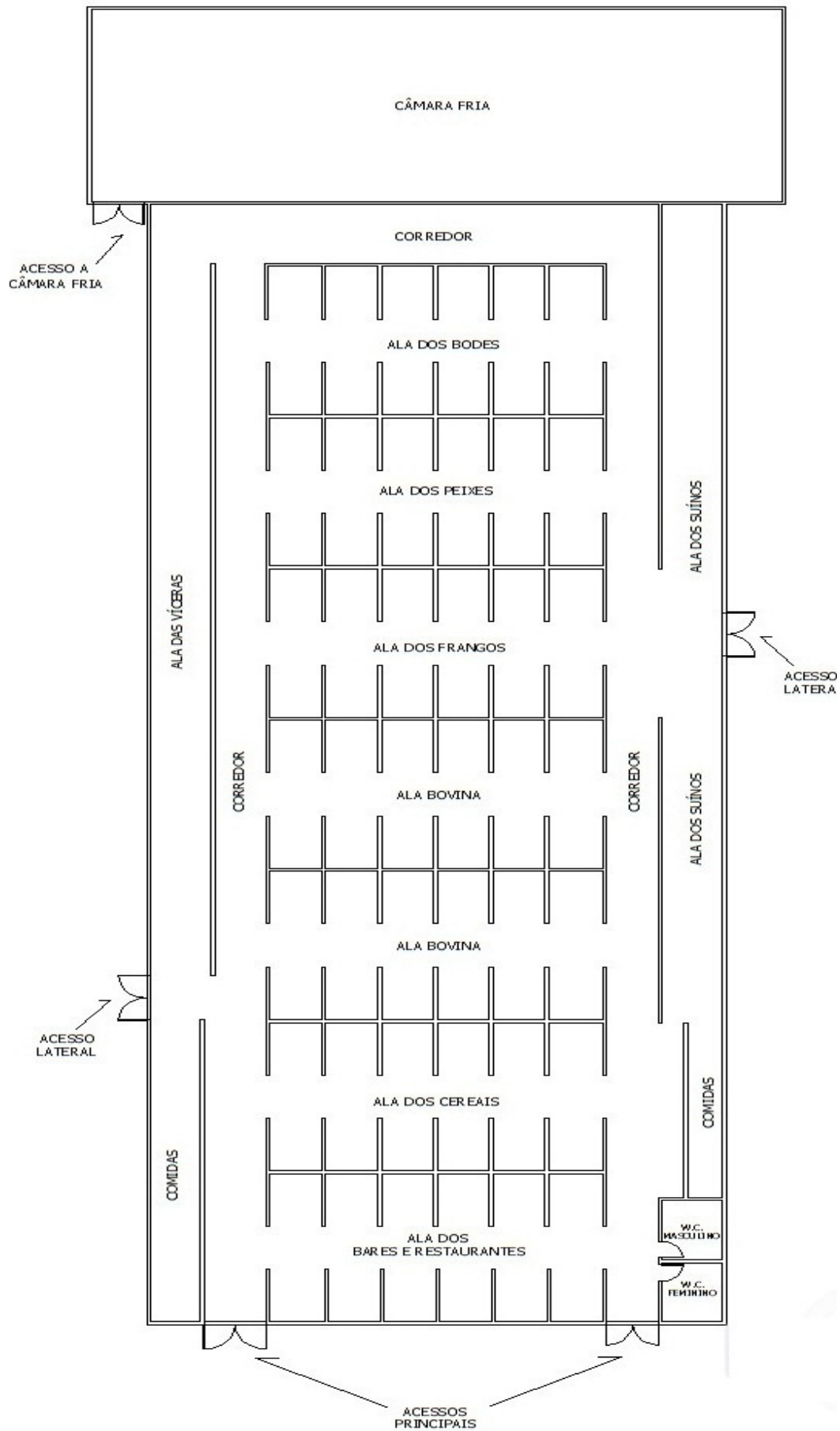


Também encontramos na *feira* de Bonfim, não tão explícitas como as outras carnes, devido a questões ambientais e legais, as carnes exóticas de tatu, tamanduá, raposa, cobra, dentre outros tipos de caça. Ausência do carimbo de inspeção sanitária em alguns produtos de origem animal merece destaque quanto à forma de abate dos animais. Apesar da fiscalização da vigilância sanitária, ainda

encontramos carnes abatidas clandestinamente, nos fundos de quintais, em abatedouros clandestinos e roças, que são comercializadas na *feira livre*, escondidas, camufladas em meio a outras mercadorias.

Ilustramos, a seguir, o interior do mercado municipal para melhor entendimento do leitor em relação às divisões e às formas de exposição dos produtos. Quanto ao mercado municipal, cerca de 80% dos entrevistados, entre feirantes e consumidores, apontaram vários obstáculos que dificultam o trabalho em seu interior. São apenas quatro entradas. Duas frontais, as principais, e uma em cada lateral do mercado. Poucas janelas e o teto baixo, feito de zinco, tornam o mercado pouco ventilado, escuro e quente. Outro problema citado pelos entrevistados está relacionado com o mau cheiro que exala das caixas dos esgotos que passam em frente aos boxes onde são comercializados os produtos.

Mercado municipal de Senhor do Bonfim – Bahia



Na parte frontal externa do mercado, ficam os dois galpões das verduras e frutas, sendo que, ao redor do mesmo e as ruas que o cercam são preenchidas por barracas, que também comercializam esses produtos.

3.3 Dinâmicas comerciais da feira de Senhor do Bonfim

É bonito de se ver o verde vivo das alfaces e dos pimentões se misturando com o verde mais escuro das couves e fosco dos quiabos, o desvanecido verde dos pepinos e dos maxixes, dos molhos de coentro, das rúculas... do vermelho dos tomates, do alaranjado das cenouras, do amarelo das abóboras de leite, dentre tantas outras verduras. Trazidas de ônibus, caminhão, nos caçoás presos nos lombos de jegues ou cavalos, vindas da sede, do interior do município ou de cidades vizinhas são um show de cores aos olhos dos frequentadores da *feira*.

Figura 17 - Frutas da região



Figura 18 - A arte de debulhar o feijão



E quanto à beleza das frutas, brilhando e rebrilhando ao sol, como todas as tonalidades de amarelo, vermelho, verde, rosa, laranja, o roxo das uvas e ameixas, um verdadeiro arco-íris.

E o cheiro irresistível e prazeroso exalado pelas frutas maduras, inconfundível como o da jaca, o da manga, dos saptis, das goiabas, dos jenipapos. Frutas trazidas do interior do município, das cidades vizinhas, frutas tipo exportação oriundas das cidades de Juazeiro e Petrolina, como, por exemplo, maçã, pêra, melão, manga e uva. Frutas típicas do sertão baiano como a fruta da palma, o umbu, a pitomba e o ouricuri, sendo este muito utilizado na culinária local.

Frutas degustadas ali, no meio da *feira*, sem cerimônia nenhuma, para “vê”, provar se está doce, como afirma o feirante na tentativa de ganhar o consumidor.

Figura 19 – Aroma



Figura 20 - A diversidade de frutas



Figura 21 - O verde e amarelo

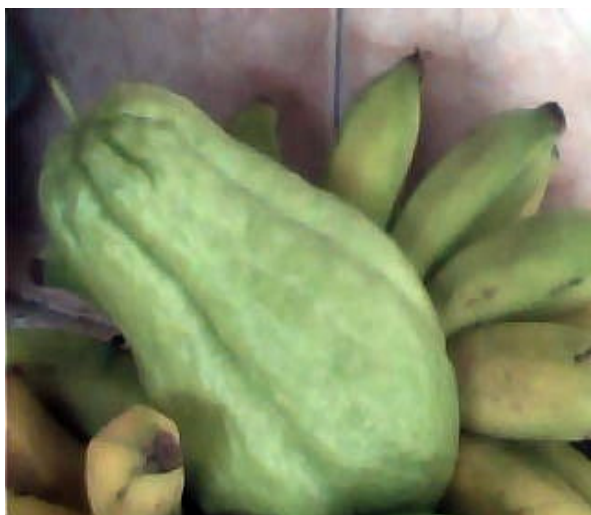


Figura 22 – As folhagens



Além dos gêneros alimentícios, a *feira* oferta uma variedade de produtos que pode agradar toda família: as mulheres ainda compram ervas para as garrafadas e

banhos de assento⁵, colher de pau, abanador, balaios, vassoura de palha, panela e jarra de barro, abridor de lata que funciona, varinha para limpar a boca do fogão, coadores de café e tanto outros utensílios dificilmente encontrados em supermercados. As meninas podem se encantar com as bonecas de pano, as panelinhas de barro, os móveis de madeira. Para os meninos, têm bodoque, pião, cavalinho de madeira, carros de madeira ou latão. Os homens também podem encontrar uma boa cachaça, chapéu de palha ou de couro, cinturão de couro cru, material para criação de animais e montaria.

Figura 23 – Utilidades domésticas



Figura 24 - Artesanato



Figura 25 – Os candeeiros de flan



Figura 26 – Os animais



5 É a lavagem das partes íntimas do corpo, geralmente realizado em bacias ou em louças sanitárias apropriadas. Muito utilizado para tratamento de doenças sexuais. Fonte <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=banho>

Convém ressaltar a presença de várias barracas que comercializam vestuário, calçados, material escolar, aviamento, produtos de limpeza, ferramentas, cigarros contrabandeados, perfumes e cosméticos, temperos, ervas medicinais, folhas para banho e limpeza da casa e do corpo, plantas ornamentais, doces, conservas e guloseimas, queijos, acarajé, pães, bolos, beiju, CDs e DVDs piratas. É a convivência entre o velho e o novo, nesse caso, trabalhando de maneira harmônica.

Por volta dos anos 70, a cidade de Senhor do Bonfim recebeu inúmeras pessoas oriundas do estado de Pernambuco, muitos vindos da cidade de Caruaru, que foram tentar a sorte no interior da Bahia.

Esse período é marcado com o surgimento das barracas de roupas, que passaram a fazer parte da *feira* de Bonfim. Na época, essa inclusão de novos produtos trazidos pelos pernambucanos causou desconforto na população local, que caracterizava os novos moradores como pistoleiros e arruaceiros, que eram temidos pela população local. Com experiência da *feira* de Caruaru, os pernambucanos trouxeram as roupas para a *feira*, conhecidas como *sulancas*. Devido à baixa qualidade dos produtos e aos preços acessíveis, as barracas de roupas permanecem até os dias atuais, incorporando padrões antes vistos apenas nas lojas convencionais, como manequins, expositores e provadores de roupa em plena *feira*.

Figura 27 - Os expositores de roupas

Figura 28 – Os manequins



Conforme já foi argumentado, a *feira* é um dos raros locais onde se comercializam produtos artesanais, embora poucas barracas vendam esses artefatos. Contrariamente, os produtos industriais como painéis de alumínio, potes plásticos e chinelos de borracha são comercializados de forma intensiva, indicando que, mesmo nos redutos da produção artesanal, a produção industrial surge como opção de substituição e domina o mercado, de forma a subtrair as possibilidades de sobrevivência da produção local.

Cada barraca procura sempre ter algum diferencial para atrair mais clientes, que pode ser algum produto exclusivo. Uma barraca, em especial, chama atenção na *feira* de Bonfim, se numa barraca pode-se ouvir o som do arrocha, axé, pagode, em outra, você ouve, vê, dança e se delicia com um autêntico forró pé de serra tocado ao som da sanfona, acompanhado pelo triângulo e zabumba, na Barraca Encontro de Sanfoneiros, que, religiosamente, aos sábados, há décadas, na *feira livre* de Senhor do Bonfim, é o ponto de encontro de sanfoneiros da cidade e microrregião, dançarinos, tocadores e apreciadores do autêntico forró nordestino.

Em vários outros locais, distribuídos pelos corredores da *feira*, encontramos cantadores de violas que, com criatividade e inventividade, criam seus repentes, além de poetas populares que, nos versos e rimas dos cordéis, mostram para seu público a força de sua poesia.

Figura 29 – Forró pé de serra



Figura 30 – Encontro de sanfoneiros



Uma cidade feita sem passos é uma cidade morta. Dos passos imprevisíveis vemos como a *feira* se expande em silenciosos movimentos pela cidade. Por ser de um bairro central, a *feira livre* de Senhor do Bonfim se caracteriza por seu grande porte tanto por atender aos que moram nas proximidades quanto aos que moram mais distante. Percebemos isso pela quantidade de carros estacionados nos arredores da *feira*, como também nos pontos de ônibus, pessoas com sacolas e carrinhos de compras se deslocando para outros lugares.

A *feira* de Senhor do Bonfim é toda essa riqueza cultural engendrada por prática simples desempenhada pelos atores sociais que a compõem, assim como um circo, que parece estar cheio de personagens e histórias, a *feira* é rica justamente por ser um local cheio de sons, cheiros, movimentos, colorido e troca.

CAPÍTULO IV

O GRANDE DIA CHEGOU!

Em Senhor do Bonfim, amanhece mais um dia de sábado, é o grande dia, “o dia da *feira*”. É o evento para o qual se voltam todas as atenções, segundo Cardoso e Maia,

No dia de feira, as cidades acordam de forma diferente, pois ela é toda movimento. São feirantes que chegam com suas mercadorias em carroças, caminhões e camionetas; são homens que armam as suas barracas, cavaleiros que apontam na cidade e amarram seus cavalos no entorno da feira. De longe, escutam o vozeiro e as conversas animadas. É o dia do encontro na cidade. [] O dia da feira é, portanto, a ocasião para atualizar as conversas para discutir política, comprar, vender, enfim é o dia do movimento na cidade. Ela ainda é elemento caracterizador da dinâmica das cidades do interior do nordeste.” (CARDOSO; MAIA, 2007, p.526-8).

A economia do município de Senhor do Bonfim está ligada ao comércio, à agricultura e à pecuária, mas o comércio é o maior destaque. Como em outros centros urbanos, as mudanças econômicas, advindas da globalização, também influenciaram a economia local e houve um aumento no número de trabalhadores informais na *feira livre*. Os produtos comercializados são, na sua maioria, produzidos em outros municípios e até importados.

Na *feira* de Senhor do Bonfim, predomina a comercialização de produtos hortifrutigranjeiros. Os principais produtos comercializados são agropecuários, mas encontramos também industrializados, dentre artesanais, têxteis, calçados, etc. Os produtos orgânicos também marcam presença, em poucas quantidades ainda, devido ao seu preço elevado, o que evidencia a procura apenas, por parte de uma clientela detentora de maiores recursos financeiros e maior grau de escolaridade. Cerca de 5% dos entrevistados se enquadram nesse percentual.

Destacam-se ainda as carnes exóticas ou caças: as carnes de tatu, tamanduá, de cobra, de veado, vendidas clandestinamente no mercado municipal, escondidas ou camufladas por debaixo de bancas de carne de gado.

Em relação às carnes, destaca-se a forma de comercialização e abate. Na maioria, estão sendo comercializadas dentro de frízeres e balcões refrigerados, nos boxes do mercado municipal; contudo, essa prática começou a ser realizada em 2008, portanto há cinco anos. Encontramos, ainda, carnes expostas em mesas de taboa a céu aberto, exposta ao sol, insetos, dentre outros organismos, na parte de fora do mercado. Ao lado de carnes, como o selo da inspeção sanitária, também encontramos carnes de procedência duvidosa, abatidas clandestinamente.

Foi no ano de 2008, no último ano da gestão do prefeito Carlos Brasileiro (Gestão 2005 – 2008), que o mercado municipal sofreu a primeira ação municipal. Passaram a fazer parte dos produtos vendidos dentro do mercado as carnes, de todos os tipos, os pescados, as vísceras e parte das barracas de alimentação.

Em 2009, já na gestão do Prefeito Paulo Batista Machado (Gestão 2009 – 2012), as barracas de cereais foram retiradas da Praça Augusto Sena Gomes e inseridas no mercado municipal. Os cereais, vendidos no atacado e no varejo, passaram a ser comercializados dentro do mercado municipal em boxes específicos, mas também expostos sobre taboas ou diretamente no chão em suas próprias sacas.

Com essa medida, foi solucionado o problema gerado pelas barracas fixas de cereais no meio da praça, essas barracas permaneciam no local durante toda a semana, expostas ao sol, chuva e ao ataque de animais peçonhentos, o que gerou o aumento do número de roedores e insetos e a queda acentuada da procura por esses produtos na *feira*.

Essa situação revela outro quadro curioso em relação à clientela que frequenta a *feira*, é notório que as pessoas que detêm um certo grau de instrução ou poder aquisitivo não compram carnes expostas a céu aberto, em cima de mesas ou caixotes de madeira; procuram produtos que possuem o certificado da vigilância sanitária e estão armazenados de acordo com as orientações sanitárias. Em geral, essas pessoas não compram no mercado municipal ou, na sua maioria, procuram os

supermercados e frigoríficos da cidade. Esses dados foram revelados durante a pesquisa de campo, com um percentual de 12% dos entrevistados.

Uma das entrevistadas, com idade compreendida entre 30 e 39 anos, com terceiro grau completo, afirmou que:

“Acho muito nojento as carnes dependuradas nas barracas, expostas a toda ação de microorganismo e as mãos dos compradores e vendedores sem nenhuma proteção. O mercado municipal teve uma melhora acentuada, contudo está longe dos padrões de qualidade desejado. Pelo porte da cidade, médio porte, a população se dá por satisfeita com pequenas mudanças, eu, prefiro comprar na feira apenas as frutas que não encontro nos supermercados da cidade⁶”.

Dados da pesquisa revelam que quanto maior o grau de instrução dos fregueses, maiores também são as exigências em relação ao manuseio, à armazenagem, exposição e comercialização dos produtos. Os entrevistados que se enquadram nesse perfil preferem comprar nos supermercados a realizarem suas compras na *feira livre*, justamente por não encontrarem na *feira* a higiene e comodidade, oferecidos pelos supermercados.

Também foram transferidas as hortaliças e as frutas para os galpões construídos em frente ao mercado municipal, deixando, portanto, a praça livre de barracas durante a semana. Em relação às frutas comercializadas na *feira* de Bonfim, na sua maioria são das cidades vizinhas de Juazeiro e Petrolina, centros produtores de frutas irrigadas e exportadores para o mercado exterior.

Na *feira*, há uma grande variedade de frutas, contudo algumas frutas típicas da região, como o ouricuri e a fruta de palma não podem faltar. Um fator que merece destaque em relação às frutas é que seu preço e a quantidade variam muito de acordo com o clima na região, quanto mais seco, mais difícil de produzir, ou de comprar, mais caras ficam para os fregueses.

Outra ação do governo municipal foi a retirada das barracas de comida, que ficavam localizadas na praça Dr. José Gonçalves, para a praça da alimentação, que fica situada em uma rua de acesso à *feira*, a Rua Djalma Dultra, o que aumentou a

⁶ Relato concedido à autora durante entrevista realizada na cidade de Senhor do Bonfim, em 01/11/20012, por uma moradora da cidade.

procura pelos serviços oferecidos, tendo em vista a melhoria significativa na infraestrutura com a instalação de água potável e energia elétrica nos boxes e a construção de sanitários públicos.

As barracas de roupas e calçados funcionam todos os dias da semana com exceção do domingo. Ficam estrategicamente situadas na Praça Augusto Sena Gomes e nas suas proximidades. Essa praça comporta o maior número de lojas de confecções e de calçados de Senhor do Bonfim. Nela, encontramos calçados, roupas nacionais e importadas, produtos de origem chinesa e paraguaia, de ótimos preços que disputam fregueses acirradamente, com as grandes lojas. Destacam-se, também, os calçados artesanais de couro e roupas de fuxico feito a mão. Essas barracas são freqüentadas por consumidores de baixa renda e vinda do interior do município, conforme relata a Senhora Renata Ramos, 45 anos, doméstica. “Sempre comprei nas barracas de roupas da feira, o preço acessível, a qualidade dos produtos são o que chama a minha atenção. Provo as roupas ali mesmo, no meio da rua. Tem tudo da moda que passa na televisão e o melhor é que dá para comprar sem ficar endividada....(risos)”⁷.

Figura 31 – As ruas



Figura 32 - Os becos



7 Declaração concedida à autora, em entrevista, no dia 01/11/2012.

Em um número reduzido em relação à *feira* de São Joaquim em Salvador, encontramos as barracas de ervas medicinais que possuem uma clientela específica a da terceira idade e os adeptos do candomblé. Acostumados com os remédios caseiros que foram ensinados de geração a geração, os mais idosos são frequentadores assíduos das barracas de raízes, cascas e sementes, sem contar que ainda prescrevem ervas e ensinam para os mais jovens, as receitas milagrosas. As barracas das plantas ornamentais e flores ainda resistem às floriculturas, seu número e a quantidade de produto ofertado também é reduzido, devido à escassez de chuva e ao clima da região.

Figura 33 – Medicina popular



Figura 34 – As flores e plantas



O comércio de animais não tem ponto específico devido à fiscalização do IBAMA, encontramos animais por toda a feira; contudo, encontramos filhotes de papagaio, tartarugas, tatus, camuflados em meio ao comércio de galinhas, patos, guinés, cachorros, cabras. São muito procurados principalmente em épocas festivas, em especial no São João, quando o número de visitantes e turistas é muito grande, devido aos festejos juninos da cidade que têm grande repercussão nacional.

Figura 35 – Variedades de espécies de aves



Outra característica da feira, que merece destaque, são as barracas de artesanato que possuem uma qualidade e quantidade de bens culturais incalculáveis. Expostos no chão, em cima de esteiras de palha ou dependurados em varais, encontram-se os mais variados artesanatos de couro, palha, barro, pau, alumínio, cipó, pano, bordados, etc. É bem diversificado e, apesar das poucas barracas, não há um local exclusivo para os artesãos exporem seus produtos na *feira livre*, ficando restrita sua participação em maior número em *feiras* de artesanato que acontecem em datas comemorativas como: aniversário da cidade, São João, Natal, etc. Falta incentivo e apoio do governo municipal em construir um local específico para o artesanato local, realizado e exposto de maneira rudimentar. Ainda encontramos na *feira*, exemplares da literatura de cordel, preciosidades em vinil, dentre outras.

Apesar dos grandes e requintados restaurantes, bares e lanchonetes é na *feira livre* que encontramos verdadeiros manjares dos deuses, a comida caseira, o tempero inconfundível, um cheiro que enche a boca d'água. Tal iguaria tem espaço reservado no mercado municipal bastante procurado principalmente pelos comerciantes, feirantes e fregueses do município e oriundos das cidades vizinhas ou do interior do município devido ao preço acessível e a não utilização de formalidade

no servir e degustar da comida. Senhor José Damascena, comerciante formal de confecção e malhas da cidade é um dos inúmeros frequentadores dos boxes de comida, “meu café da manhã tem ponto certo há mais de trinta anos, comecei quando era nas barracas no meio da praça, hoje está bem melhor aqui dentro do mercado, está mais limpo, tem lugar de sobra para sentar e comer com tranquilidade.⁸”

As barracas dos brinquedos também têm seu espaço demarcado há vários anos, na parte de cima da *feira*, na praça onde se concentra a maioria das agências bancárias da cidade. Só não funcionam aos domingos; suas barracas são móveis, tiram e colocam todos os dias. As maiores dos brinquedos comercializados são de última geração, eletrônicos e importados. Encontramos de tudo desde pequenas e potentes caixas de som, vídeo “games”, “Playstation”, calculadoras digitais, bonecas, bichos de pelúcia, enfim um mundo de sonhos e alegria da garotada.

Encontramos, durante a semana, as barracas de utensílios domésticos de menores tamanhos, como as barracas de peças e derivados para fogão, as de panela de alumínio, etc. Já os móveis e eletrodomésticos apenas são expostos aos sábados quando o movimento é bem maior devido à grande demanda de pessoas vindas do interior do município e das cidades circunvizinhas. Os móveis concorrem perfeitamente em qualidade com os vendidos nas lojas do centro da cidade, sem contar com a possibilidade de serem produzidos sob encomenda e gosto do freguês.

As barracas dos laticínios e seus derivados também apresentam-se todos os dias, exceto aos domingos. São barracas fixas e com pouca qualidade higiênica. Os produtos comercializados ali ficam expostos, sob mesas de madeiras, à luz solar, a insetos, a poeira, a fungos e a bactérias. Armazenada em baldes, bacias, latas e tachos, que são estocados sem nenhuma refrigeração. A fabricação, na maioria, ainda é artesanal e foi passada de geração para geração.

Podemos verificar a presença de três a quatro gerações comercializando seus produtos na mesma barraca, o que é reforçado pelo depoimento do Senhor Francisco,

“Desde pequeno eu comecei a lidar com o leite, manteiga e queijo, ajudando meu pai na roça... tinha que apreender a profissão para na falta

8 Depoimento concedido a autora em entrevista, em 05/12/2012.

dele a gente assumir a casa. [...] hoje, tenho mais de sessenta anos só na feira de Bonfim, já criei filhos, netos e ainda ajudou na barraca durante a semana, tudo daqui. Não tive tempo para estudar, mais dei a meus filhos tudo que não tive. Aqui comigo, na barraca tem dois filhos e três netos que me ajudam, desde a criação das vacas e manejo, até a preparação e venda dos produtos⁹.

Para seu filho Aderbal “a feira está muito fraca, está seca que se estende está acabando, contudo, antigamente dava para ganhar dinheiro, hoje malmente a gente consegue pagar as contas da casa, e graças a Deus a mulher ajuda, ela é professora.¹⁰”

O neto de seu Francisco diz que “vender na feira não é futuro, só vou nos sábados para a barraca, para ajudar a atender os fregueses, estou estudando, quero outra vida para mim, vender na feira não dá mais.¹¹”

O movimento já teve seus dias de glória, o que foi bem reduzido nos dias atuais, uma vez que uma grande parte da população busca produtos de boa procedência, que foram inspecionados pelos órgãos de controle sanitário; contudo, algumas pessoas ainda preferem o velho modo de comprar queijo, requeijão e até manteiga nas barracas, fazendo a degustação do produto no local, sem levar em consideração questões relacionadas à origem do produto, bem como as noções de higiene sanitária.

Atualmente, com a criação de uma bacia leiteira e da associação para beneficiamento do leite e seus derivados, esses produtos estão ganhando força e retomando a credibilidade do freguês quanto à qualidade e a procedência, aumentando a procura por esses produtos nas barracas. Os queijos, requeijão e a manteiga ganharam nova roupagem, agora são embalados a vácuo, com carimbo de certificação e prazo de validade expostos nas embalagens.

⁹ Dados da entrevista concedida à autora em 12/11/2012, pelo Senhor Francisco Urbano.

¹⁰ Relato da entrevista concedida à autora em 12/11/2012, pelo Senhor Aderbal Urbano, 53 anos.

¹¹ Depoimento concedido à autora em 12/11/2012, pelo Felipe Urbano, 10 anos.

Figura 36 – Derivados do leite



Figura 37 – Exposição dos laticínios



Figura 38 – As novas embalagens



Alguns produtos persistem na comercialização por séculos, como o fumo de rolo, o candeeiro de lata de leite em pó ou de óleo, o pavio de algodão feito à mão, a pimenta moída na hora, as peles de animais curtidos, com o de bode, de raposa e do gato do mato, tapetes, almofadas e colchas coloridas feitas de retalhos de panos, que, apesar das grandes concorrências dos supermercados e das lojas de confecção, continuam presentes na *feira livre*, nem a existência de novos produtos

os quais os substituem fizeram com que esses produtos desaparecessem ou perdessem seu brilho.

Muitos dos barraqueiros são ex-comerciantes do mercado formal que, com a crise econômica, caíram na informalidade, em torno de 45% dos entrevistados se enquadram nessa estimativa¹².

A forma de transporte utilizada pelos produtores e feirantes, para fazer com que seus produtos cheguem à *feira* é bem variada, de lombo de animais, carroças, carrinho de mão, bicicleta, ônibus, carro ou caminhão, o importante é chegar cedo e disponibilizar o produto para o freguês. Há produtores rurais que também são feirantes e há também aqueles que apenas comercializam os produtos. Os que são apenas feirantes, de um modo geral, dedicam seu tempo exclusivamente a essa etapa da comercialização. Já os produtores rurais feirantes têm que dividir o seu tempo entre a produção e a comercialização, além das atividades de subsistência.

Os produtores rurais buscam as *feiras livres* por serem um espaço onde podem encontrar os consumidores finais, podendo também aumentar a sua renda mediante dos ganhos da comercialização.

Dados da pesquisa nos revelam que 47% dos feirantes também são produtores rurais, contra 53% que apenas comercializam na *feira*, comprando de terceiros os produtos, que são expostos nas barracas.

Outra situação curiosa é constatar a interação de diferentes etnias dentro do evento, e, ainda, que cada um geralmente trabalhe em segmentos específicos, todas são necessárias para a formação completa da *feira livre*. Temos como exemplo a barraca do pastel, que geralmente é administrada por famílias de origem oriental. Ao mesmo tempo, vemos famílias de origem indígena realizando a venda de produtos como mandioca e batata doce. Descendentes de origem africana vendendo fumo de rolo, esteiras de palha, galinhas caipiras, melancias, acarajé... esses em maiores quantidades devido à influência do quilombo¹³, localizado no distrito de Tijuçu, a 40 quilômetros da sede do município.

¹² Fonte pesquisa realizada em 04/11/2012, pela autora da pesquisa.

¹³ A comunidade negra rural de Tijuçu passou pelo processo de reconhecimento como remanescente de quilombo. Tijuçu, como tantas outras comunidades negras rurais do Brasil, vem

Os consumidores buscam as *feiras livres* por encontrarem lá uma grande variedade de produtos e vendedores, influenciando diretamente na formação de preços e na qualidade dos produtos, devido à concorrência. A *feira livre* conseguiu sobreviver aos novos tempos sem mudar demasiadamente, sofrendo pequenas adaptações. Tanto é que não existem diferenças gritantes entre uma *feira livre* de uma cidade do interior do país e com outra de uma cidade como Salvador, a não serem pelo seu patrimônio imaterial cultural, suas memórias contidas nas vivências e lembranças da população local.

A *feira livre* de Senhor do Bonfim possui seu lado poético e encantador, contudo também esconde um lado frio e violento. Muitas brigas foram travadas no interior do mercado municipal, os furtos a fregueses e feirantes são constantes nas ruas onde a feira acontece.

Caminhar pela Praça Augusto Sena Gomes entre as barracas, à noite, é uma aventura perigosa, devido às copas das árvores que impedem a passagem da luminosidade, sendo utilizadas como abrigo e esconderijo por vândalos. À noite, os usuários de drogas se reúnem para uma “viagem sem volta”. As barracas de laticínios que, de dia, oferecem queijo, doces, manteigas, à noite servem de motel para mendigos, prostitutas, viciados e infratores. A prefeitura municipal, acerca de dois meses, deu início à terceira parte da reestruturação da *feira*, a reforma da praça. As barracas fixas serão substituídas por boxes, e o policiamento municipal será montado na praça e instalado as câmaras de monitoramento para inibir as ações dos vândalos, viciados e ladrões. Por enquanto, a população bonfinense vive a expectativa da conclusão da reforma, que mal teve início.

Atualmente, a *feira livre* enfrenta alguns riscos devido ao cenário econômico voraz, com alta competição no comércio e a supervisão do poder público, que progressivamente tira características fundamentais da manifestação. Por ser um evento regulado pela prefeitura, cada vez mais existe uma pressão por organização e padronização das *feiras* em diversos aspectos, em relação à limpeza, aos horários, à localização, à qualidade dos produtos etc.

lutando pelos seus direitos enquanto comunidade quilombola. O processo foi concluído em 2000, e concedido o título de remanescente de quilombo ao Distrito de Tijuçu.

Faz-se a tentativa de classificar as barracas por cores, tamanho, de calar o barulho das ruas, de fiscalizar a adequação dos produtos, a duração do evento etc. Algumas medidas, em nosso entendimento, são necessárias, levando em consideração o interesse do consumidor e moradores dos locais. No entanto, existe o risco de tirar a dinâmica do evento com regras cada vez mais rígidas.

Todos esses elementos são fatores que ainda viabilizam esse canal de comercialização. Assim, afirmamos que, embora apresentando uma essência econômica, mais que um simples comércio, as *feiras livres* preenchem também uma função social, enquanto veículo de comunicação e expressão de arte e cultura do povo, configurando-se como lugar de encontro, reencontro e lazer para os que ali vivem e para os que por ali passam. É perceptível que a *feira livre* vai além do caráter comercial, pois, em meio aos seus fazeres cotidianos, produz encontros potentes de afirmação da vida.

A *feira* se faz num espaço público que transforma, por algumas horas, a realidade do local. O que antes era um espaço de passagem, a rua com seus respectivos moradores e comerciantes, torna-se um espaço de convivência. Existe, nesse lugar, a possibilidade de frear o ritmo frenético do cotidiano, que difere de outros locais de compra e venda como acontece nos supermercados. Na *feira livre*, inventa-se outro modo de fazer compras, de maneira mais calma, mais descontraída, mais prazerosa. Existe uma variedade de atores compondo o cenário da *feira livre*, que vão desde os feirantes e fregueses, que variam entre crianças, idosos, trabalhadores, casais, tendo até mendigos e cachorros circulando e convivendo, todos, nesse mesmo espaço, pintando cenas de um quadro rico na sua diversidade.

A *feira* se mostra um local cheio de sons, cheiros, movimentos, colorido e troca. É claro que isso tudo pode ser encarado como incômodos como o fato de estar sob sol ou chuva, enfrentar calor, frio, esbarrões, gritos, barulhos, entre outros. A *feira* pode se apresentar como um momento de rever conhecidos, uma mistura de lazer e cotidiano. Ainda que estejam sendo realizadas atividades rotineiras de compra e venda, é uma oportunidade de viver algo diferente, uma comemoração dentro do dia a dia. Um local lúdico e transgressor. Um ambiente alegre e unido, um espaço de liberação através da interação social. Mesmo em meio ao caos e à bagunça, a *feira* possui uma dinâmica própria e harmoniosa.

Ao mesmo tempo, percebe-se que a *feira livre* mantém e promove a cultura popular local. As noções de identidade, comunidade, hábitos, relações e comunicação aparecem fortemente durante todo o momento que a *feira* acontece. Essa possibilidade de reafirmação da identidade do povo brasileiro, dos costumes e da cultura popular fica evidente na troca de conhecimentos, resignificação de valores e integração social.

4.1 Os atores sociais e a informalidade

No início do século XX, começou a se desenvolver o mercado de trabalho, no sentido moderno do termo, como a forma predominante de produção de bens e serviços. Durante as primeiras três décadas, o trabalho transformou-se numa mercadoria livremente negociada, já que leis e contratos coletivos eram quase inexistentes. Nas décadas de 1930 e 1940, o corporativismo de Estado de Vargas estabeleceu um amplo código de leis do trabalho, o qual marcou o mercado nacional por todo o século. A partir de então, as noções de “formalidade” e “informalidade” foram pouco a pouco sendo construídas.

As estatísticas indicam um longo processo de formalização das relações de trabalho, sedimentado, sobretudo, por leis federais e, apenas secundariamente, por contratos coletivos.

Apesar do longo processo de formalização, é no século XX que evidencia o aumento do trabalho informal, marcado pela ocupação cada vez mais acelerada do espaço urbano, as ruas são tomadas pelos mais variados tipos de ambulantes. A ocupação irregular do espaço urbano pelo trabalho informal pode em parte responder a indagação: Por que as *feiras livres* resistiram? Foi nesse território, nas suas ruas, calçadas e praças que o trabalhador pode fazer frente às alterações provocadas pelo avanço das corporações multinacionais. Foi nele que encontrou o lócus que preservou formas de inserção no mercado de trabalho que vem permitindo ao trabalhador informal das pequenas e médias cidades brasileiras desenvolverem atividades que puderam lhe garantir uma renda para seu sustento e de sua família.

Dentro da nova ótica do trabalho, a informalidade tem uma nova dimensão, deixou de ser uma válvula de escape para resolução de problemas de geração de emprego e de formação de riquezas das camadas mais pobres e assumiu a posição de fenômeno de adaptação da sociedade aos novos requisitos da organização informal. Isso pode ser verificado nas *feiras livres*, um território a ser explorado e que permite à informalidade uma opção paralela ao mercado de trabalho formal. Por sua vez, essa nova dimensão do trabalho tem permitido a dinamização da economia regional, abastecendo os clientes de produtos diversos a preços acessíveis, colaborando, assim, para a naturalidade do processo de compra e venda.

Os efeitos causados pelo processo de avanço tecnológico não é algo recente como pensam, e suas ações são sentidas em todas as áreas desde a econômica, social, educacional, política e cultural. Em Senhor do Bonfim, não foi diferente: a partir dos anos de 70 e 80, sobretudo, quando a *feira livre* experimentou seu auge em termos de expansão no volume comercializado e no número de consumidores.

Toda a produção das comunidades rurais do município de Bonfim e dos municípios vizinhos tinha na *feira livre* de Bonfim a oportunidade de colocação de um elenco bastante diversificado de artigos, incluindo os produzidos pela “indústria doméstica rural” (doces embalados em folha de bananeira, pães, bolachas, rapaduras, alfenins, linguíças...) uma vez que o comércio, em geral, não se dedicava aos produtos perecíveis.

Na cidade de Senhor do Bonfim, aconteceu o aumento do número da população e de supermercados e a ampliação notável de sua participação no abastecimento de produtos vegetais, frutas frescas e carnes, antes só encontradas e comercializadas na *feira livre*. A inclusão dos supermercados no circuito antes só ocupados pela *feira*, promove a concorrência entre os dois segmentos e aflora mudanças de hábitos e costumes em parte da população, que passa a realizar as compras desses produtos nos supermercados, desenvolvendo novos padrões culturais.

Com as novas formas de comercialização e exposição dos produtos utilizados nos supermercados, ocorreu, na sociedade em geral, a incorporação de novos valores higiênicos agregados aos produtos vendidos. Esses novos fatores são explícitos na *feira livre* que sofre com a falta de higiene, insetos, esgoto e mau

cheiro. Aos olhos do mundo moderno, o comércio impessoal dos supermercados parece mais compatível; no entanto, os consumidores que privilegiam a qualidade dos produtos não abandonam a *feira*.

As mudanças realizadas na *feira livre* de Senhor do Bonfim consistiram num processo de incentivo e melhoria da *feira*, o qual incluía a reforma do mercado municipal de carnes, a construção de galpões específicos para frutas e verduras, a demarcação de espaços, a delimitação e padronização das barracas. Tratava-se de não apenas abandonar o velho uso das carnes dependuradas em ganchos, do freguês poder degustar o produto, de impor módulos reguladores do espaço físico às bancas, mas, sobretudo de alterar o aspecto visual da *feira* e de enquadramento nas normas de saúde ditadas pela vigilância sanitária municipal.

Inicialmente, os feirantes reagiram com descrédito e ceticismo em relação às inovações sugeridas pela prefeitura municipal e pela vigilância sanitária. Logo depois, esses sentimentos cederam passo à aceitação por parte de feirantes e fregueses, dos novos hábitos implantados na *feira livre* de Senhor do Bonfim.

Quando falamos de alterar o aspecto visual da *feira* é do impacto, que mexe com os sentidos, que temos ao nos depararmos com produtos expostos no chão ao lado de esgotos correndo a céu aberto, das moscas pousando sobre as carnes expostas à venda, dos cachorros e gatos disputando pedaços de carne que caem no chão dos boxes onde são vendidos esses produtos, do mau cheiro de verduras e frutas podres, que são jogadas nas ruas, debaixo das barracas.

Outro ponto que merece destaque são os produtos “de época” ou da safra, que eram fundamentalmente oriundos do município e de seu entorno; outro fator marcante da *feira* de Bonfim é que, nos anos de boas chuvas, a *feira* duplicava em tamanho, diversidade, preço e qualidade dos produtos. Atualmente, com a seca, que se estende, muitos feirantes estão procurando alternativas para poderem continuar oferecendo seu produto, conforme relato do Sr. Francisco Bispo, feirante de cereais há mais de 40 anos em Senhor do Bonfim.

“Agora tá muito difícil, minha filha, eu só tenho mandioca para torrar até o início de novembro. Se Deus não tiver compaixão da gente e mandar chuva... Na região ninguém mais tem, procurei para trazer de fora, do Paraná, só que não compensa, são três dias de viagem, a mandioca vai chegar toda azul e não presta para fazer farinha. Nesses 40 anos será a primeira vez que vou ficar sem torra farinha, na casa de farinha só tem eu e

mais outro rapaz que ainda tem, um pouquinho de mandioca. Os outros já acabaram de torra e pararam... a casa de farinha vai fechar¹⁴”.

Em relação à *feira* em estudo, a noção tempo-espaço revela-se fundamental para nortear os estudos dos processos de transformações ocorridas nesses lugares na atualidade. Podemos perceber essa dinâmica da evolução nos meios de transportes utilizados pelos feirantes para levarem suas mercadorias até a *feira*, visando à construção de estratégias na implantação de uma verdadeira reforma na dinâmica da *feira* bonfinense.

No início, eram utilizadas carroças de burro, jegues, carrinho de mão, caminhão fretado, conhecido por caminhão da *feira*. Os feirantes locavam o veículo para, nos dias de *feira*, realizar o transporte dos mesmos e de suas mercadorias. Hoje, alguns ainda se utilizam desses recursos, um número bem reduzido; contudo, já se faz notória a utilização de novos hábitos como o uso de carros e motocicletas próprios, os ônibus comerciais que fazem linha para o município, as vans intermunicipais, dentre outros meios de transportes.

O atual contexto revela transformações muito profundas no funcionamento da *feira* e na dinâmica que acompanha o comércio das frutas, verduras e legumes de Senhor do Bonfim. De noventa para cá, os supermercados começaram a comercializar carnes e, aos poucos, foram incluindo as frutas, verduras e legumes entre outros produtos oferecidos a seus clientes. Esse é um dos motivos reclamados pelos feirantes, a concorrência entre a *feira* e os supermercados.

Produtos até então desconhecidos chegam à mesa do consumidor, vindos de locais muito distantes, até mesmo de outros países; outros vindos de cidades vizinhas, como o feijão de Filadélfia, as frutas de Juazeiro e Petrolina, roupas de Caruaru, Minas Gerais e Goiás, brinquedos da China e do Paraguai. Não se trata apenas de uma mudança na forma logística de distribuição dos produtos. Há outras transformações decisivamente importantes, que emolduram os novos tempos.

Outra característica presente na *feira livre* é a competitividade, que ocorre em diversos níveis. Um exemplo é que, invariavelmente, as pessoas possuem seus próprios costumes e preferências dentro de uma *feira*, a barraca favorita, o melhor

¹⁴ Declaração concedida à autora durante entrevista, gravada em 02/12/2012.

vendedor, a barraca das melhores frutas, etc. Esse fato foi confirmado quando da aplicação dos questionários, durante a fase de sondagem e levantamentos de dados para validação da pesquisa.

Um feirante foi destaque, quase que a totalidade dos entrevistados indicou o Senhor Elias Antônio de Castro, feirante de cereais, que negocia dentro do mercado municipal. O destaque de seu boxe é a farinha de mandioca conhecida por todos na *feira*. A fama e qualidade de seus produtos aliados ao seu carisma e bom atendimento fazem com que ele mantenha uma boa clientela, fiel aos seus produtos.

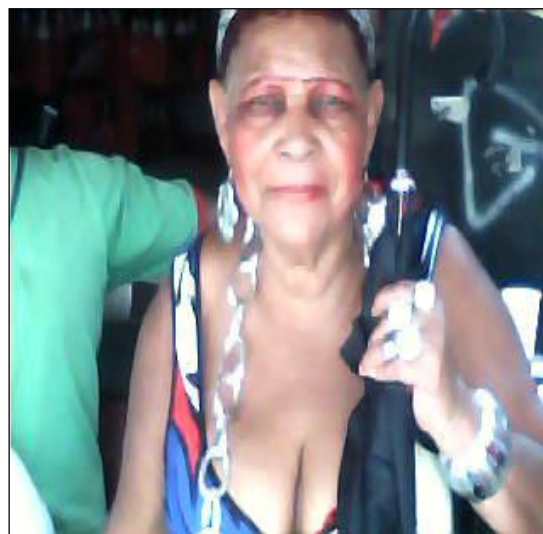
“Graças a Deus, que nestes quarenta e seis anos de barraca na feira nunca retornei com mercadoria, às vezes não dá para atender todo mundo. Tenho freguês que comecei vendendo para a avó, depois a mãe, filha e hoje retornam a feira com seus netos para me mostra. São pessoas que todos os sábados vêm comprar farinha ou então passam para dá bom dia, saber como estou... são uma família e quando ficam um sábado que não aparecem no outro falo logo, o que foi que sábado não veio? (risos)”

Da mesma maneira, que existem *feiras livres* consideradas as melhores, as mais cotadas, as mais famosas, encontramos também no seu interior, as atrações principais, as pessoas que se destacam e as barracas diferenciadas, os produtos exclusivos. Em Senhor do Bonfim, não é diferente. Ir à *feira livre* e não encontrar com a popularmente conhecida Marcelina ou Maria Batom é o mesmo que ir a Roma e não vê o Papa. É conhecida não apenas pelo seu figurino extravagante, cheia de bijuterias, maquiagem forte, riso fácil e alegria contagiante. De braços dados ao seu fiel par “o guarda-chuva” preto, de cabo longo, que acompanha todos os sábados no arrasta pé na barraca do forró, presença cativa da *feira* de Bonfim. Pessoa humilde e detentora de imenso coração, quando questionada sobre o que a leva a repetir semanalmente o mesmo ritual, Marcelina imediatamente responde com simplicidade, que: “Apenas vou a feira para levar alegria as pessoas e espantar a tristeza”.

Figura 39 – Pura cultura popular



Figura 40 – Marcelina e seu fiel parceiro



Ao longo do tempo, a *feira livre* forma parte de uma tradição cultural da cidade de Senhor do Bonfim, representando um local com vários territórios, em que se desencadeiam relações sociais intensas, não apenas entre feirantes e fregueses, mas entre os próprios consumidores, que fazem da mesma um espaço de convivência e lazer bastante peculiar.

4.2 O PERFIL DOS FEIRANTES

Antes dos primeiros raios do sol, lá estão eles, chegando aos poucos de caminhão, transporte alternativo, jegue, carroça puxadas por burros e cavalos, de ônibus, para darem início a mais um dia de *feira*. É por volta das três horas da manhã que tem início a montagem das barracas e entrega de mercadoria, que só serão recolhidos no final da tarde. Tudo tem de estar pronto para a hora em que o primeiro freguês passar.

Cansados dos longos anos como feirantes, das atribuições que envolvem a profissão, persistem nessa atividade econômica, pois foi assim que conseguiram criar e sustentar suas famílias, proporcionado um futuro para seus filhos diferente do seu. Almejam verem seus filhos formados, com seus empregos garantidos e não terem que passar pelos mesmos obstáculos que eles enfrentaram.

Os feirantes de Senhor do Bonfim apresentam uma idade média mais avançada, quase 49% têm acima de 50 anos. A esmagadora maioria estudou até o fundamental, havendo um pequeno número de analfabetos entre os feirantes. Esses dados revelam que mais da metade dos feirantes tiveram que abandonar os estudos para poderem sustentar suas famílias. Uns com pouca escolaridade e outros analfabetos caíram na informalidade e foi por meio da *feira* que conseguiram se manter economicamente.

Encontramos também, em parcela menor, 2,5% de feirantes que cursaram o ensino superior e que continuam trabalhando na *feira*, mesmo tendo concluído o terceiro grau não conseguiram espaço para saírem da informalidade e continuam atuando na *feira*. O exemplo é a artesã, Valdelice da Silva, feirante há mais de quarenta e três anos em Senhor do Bonfim. Seu artesanato é feito de barro, produzido e comercializado por ela e sua família. Em 2007, formou-se em Administração de Empresas, porém não deixou a *feira*, como relata a feirante em entrevista concedida à autora, em 08 de dezembro de 2012.

“Aos trancos e barrancos consegui terminar meu curso de administração de empresas em Petrolina. Só que não consegui trabalho, nem passei em concurso. Por isso que nunca deixei a feira, nem deixo. Quero vê se coloco uma barraca de artesanato na beira da pista durante a semana, to quase conseguindo, só falta à prefeitura liberar, mais não deixo a feira não. Foi daqui que tirei tudo que consegui até hoje: minha casa e até a minha formatura.”¹⁵

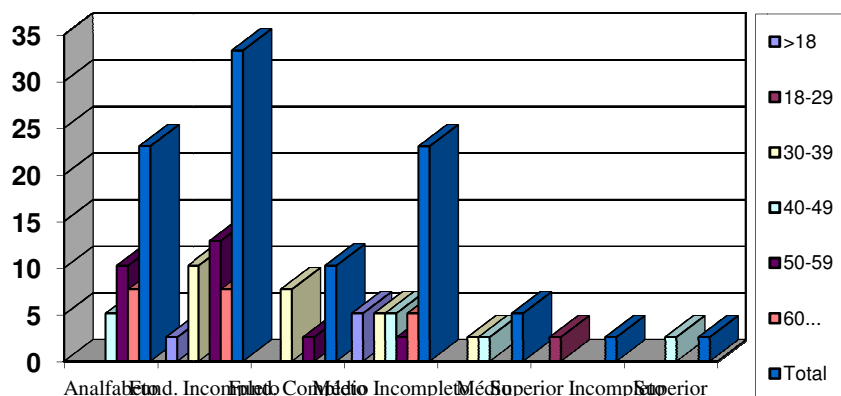
Quanto à questão de gênero, a diferença é mínima, apenas de 7,7% a mais de mulheres estão trabalhando na *feira*, em relação aos homens. Os homens, na sua maioria, executam o trabalho braçal. Trabalham na roça, como pedreiros, carregadores e, em parcela menor, aos sábados alguns trabalham na *feira*. Esses dados reforçam a busca pela igualdade de direitos. Anteriormente, o número de mulheres que atuava nas *feiras* era mais reduzido, sua atuação se resumia às questões domésticas. Atuavam como professoras, costureiras e na produção de guloseimas.

Outra característica interessante diz respeito ao tempo de atividade como feirante. Nada menos que 66,6% são feirantes há mais de vinte anos e, dentre

15 Entrevista concedida a autora, em 02/12/2012.

esses, cerca de 15,3% trabalham como tal há mais de quarenta anos. Muitos apreenderam a profissão com seus pais ou assumiram a barraca após o falecimento dos mesmos.

Gráfico 1 – Comparativo idade x escolaridade dos feirantes



Nada menos que 80% dos feirantes percebem uma renda de até dois salários mínimos. Aqueles, que atingem um intervalo entre três e quatro salários mínimos com renda mensal familiar, compreendem 30,7%, ou seja, o obtido na *feira* mais aposentadoria, ou pensão para atingirem a esse patamar. Alguns contam com o recebimento do auxílio federal do programa bolsa família, que os recebedores contabilizam como renda também.

Feirantes comentam que antes de os supermercados ingressarem oferecendo frutas, verduras e carnes, eles conseguiam um rendimento maior. O aumento do número de barracas e a concorrência com os supermercados acarretaram a queda nas vendas.

A voraz competição do mercado capitalista e, conseqüentemente, as facilidades proporcionadas por grandes empresas colocam em risco a tradição das *feiras*, o que não deixa de ser irônico, até certo ponto cômico, considerando-se que foram as *feiras livres* que fizeram surgir as cidades e, por conseguinte, os primeiros mercados.

Os feirantes naturais do município de Senhor do Bonfim, em sua maioria, não atuam junto a outros municípios, pois, conforme as entrevistas, esses indicaram que “não compensa financeiramente chegar a *feiras livres* maiores do que a de Bonfim e encontrar gente com mais produtos, mais nome, mais conhecidos...” (Osmar Celeste Ferreira, feirante de confecção de Senhor do Bonfim, há mais de trinta anos). Segundo esses feirantes, eles perderam seus espaços com a chegada de outros vendedores mais abastecidos e com produtos a preços mais acessíveis que os seus. É o caso dos feirantes oriundos de Goiânia e Caruaru que, quando vão a Senhor do Bonfim, mobilizam as vendas de confecção.

Dentre os depoimentos dos feirantes entrevistados, podemos perceber um saudosismo, muitos relataram as dificuldades enfrentadas no início da implantação das *feiras*, por volta de 1941, quando iam montados no lombo de animais, sem estrutura nenhuma para exporem seus produtos. No relato da feirante Dona Marise Souza, no auge dos seus 71 anos de vida e há mais de 50 anos trabalhando na *feira*, ela conta que:

[...] Sou uma das pioneiras na feira de Bonfim, antigamente a gente colocava os produtos no chão, não tinha barraca. Era difícil chegar na feira, vendíamos o que a gente mesmo produzia... Devido ao aumento do número de pessoas na cidade, o prefeito na época ajudava os feirantes, chegou até a oferecer uma casa para mim, para que eu não saísse da feira, bem perto da rua onde acontecia, só para garantir que eu continuasse colocando a barraca¹⁶.

A *feira* de Senhor do Bonfim sempre foi diversificada em produtos, a quantidade de barracas era menor, mas, com o advento da globalização e, conseqüentemente, o aumento do número de desempregados, a informalidade foi a opção de muitas pessoas para manterem a família, o que ocasionou o aumento significativo do número de barracas na *feira* e, por conseqüência, mais concorrência para vender os produtos.

Com o advento da globalização, também é perceptível, na *feira* de Senhor do Bonfim, o aumento dos produtos pirateados em grande escala. Podemos encontrar CDs, DVDs, filmes, que acabaram de serem lançados, apesar de a cidade não possuir nenhum cinema. Tais produtos podem ser encontrados no meio da *feira*,

¹⁶ Entrevista concedida à autora, em 02 de dezembro de 2012.

expostos em barracas, no chão, em carrinhos de mão. Você pode conferir a qualidade do produto assistindo no meio da *feira* a trechos do filme ou escutando a qualidade do som do CD escolhido.

Outro fator que coopera com o aumento dos piratas é o elevado preço dos produtos originais; por exemplo, um CD ou DVD original, que, na informalidade, não ultrapassa três reais e, se o freguês levar dois, saem por cinco reais; no mercado formal os preços variam entre quarenta a sessenta reais. Cerca de 70% dos entrevistados afirmaram que compram CDs e DVDs exclusivamente pirateados, 20% compram tanto piratas quanto originais e 10% só compram originais.

Os perfumes pirateados também estão em alta na *feira*, bem como os calçados, as roupas, as bolsas; contudo, esses produtos têm uma maior aceitação entre as classes menos favorecidas economicamente e com grau de escolaridade menor.

Outro dado a ser levado em consideração são as famosas frases gritadas pelos feirantes e algumas vezes até cantaroladas. Elas parecem ritos e canções típicas populares. O espetáculo único dos feirantes gritando suas frases criativas para garantirem a qualidade dos seus produtos e melhor preço, é um dos grandes atrativos da feira, chamando a atenção de compradores pela performance. Destacamos alguns:

“Mulher bonita não paga, mais também não leva.”

“Corre-corre que tá acabando.”

“É BBB, bom, bonito e barato.”

“Melhor do que este, a senhora não acha em lugar nenhum.”

Nas vivências relatadas pelos feirantes, o sentimento de pertencimento é bem forte; são laços de amizades construídos com os fregueses, que se misturam com o sentimento de família com relação aos outros feirantes, muitos vizinhos de barracas há anos, que enfrentaram muitas crises juntos. Os laços afetivos construídos na *feira* produzem intercâmbios de experiências e opiniões, transformações subjetivas que modificam as formas de pensamento.

Dessa maneira, é na conversa e troca de opiniões que acontecem nos encontros da *feira* que se possibilitam a abertura de visão e fica evidente uma

interdependência entre as pessoas para alcançarem o aprimoramento e ampliação do pensamento, ou seja, um aprendizado mútuo. A troca de opiniões entre as pessoas assume a possibilidade de aprimoramento e relativização do pensamento, fato que não se adquire sozinho. Por isso parece imprescindível a presença do outro para a construção de si, diferente de quando a relação de intimidade provoca um se fechar em si e não confiança no outro, o que afasta a possibilidade de experimentar o encontro com o novo e inesperado.

É possível observar que o cotidiano da *feira livre* é construído por acontecimentos e encontros de temporalidades distintas, há uma transformação mútua de quem chama a conversar e quem fica. Nesse sentido, a produção do ambiente se faz como experiência coletiva, produzindo, assim, sua condição de pluralidade.

Essa rotina mostra que a função do feirante ultrapassa sua condição de comerciante. Eles estão ali não apenas para intermediar uma venda, mas funcionam como mediadores na produção de outra realidade, quando conectam lugares e tempos entre produtos, rua, vizinhos e freguesia. Estão ali para vender e também viver. Viver ali. Cada momento de conversa vivido na *feira* faz construir uma história que não se repete. Por isso, deve ser levado em consideração na sua singularidade dos encontros incluindo o acaso da presença dos sujeitos envolvidos.

A *feira livre* é um espaço, onde as trocas simbólicas se realizam, pois é o local onde a maioria das pessoas costuma frequentar semanalmente, manter um vínculo afetivo, não se consegue ficar sozinho, isolado, incomunicável. Nesse lugar, as pessoas precisam verbalizar seus pedidos, oferecer seus produtos, pechinchar, trocar ideias e opiniões, seja sobre o produto, seja sobre assuntos cotidianos. A *feira livre* propicia o encontro entre as pessoas e suas diferenças, o diálogo, a conversa descompromissada, a troca de experiências.

4.3 O PERFIL DOS CONSUMIDORES

Os consumidores presentes na *feira livre* de Senhor do Bonfim revelam dados significantes quanto ao perfil dos mesmos. De todas as idades, raças, sexos, credos e crenças, por um momento, chegam quase a ser iguais. Seja pelos hábitos na hora

da escolha dos produtos, pela simplicidade e falta de formalidade do local, pelo sentimento de bem-estar e acolhimento que o local e os feirantes proporcionam. Quase que uma unanimidade na *feira livre* foi a resposta dos consumidores em relação ao sentimento de bem-estar, prazer que os mesmos encontram na feira, 89% dos entrevistados confirmaram essa condição prazerosa que obtêm na *feira* em oposição ao atendimento frio e restrito dos supermercados.

Destacam-se, no perfil dos consumidores da *feira* de Senhor do Bonfim, dados relacionados com a idade, o gênero e a escolaridade. Dos consumidores, 28,2% têm acima de 50anos, sendo que 15,3% possuem mais de 60 anos. Isso não significa informar que encontramos jovens e crianças na feira realizando suas compras ou simplesmente passeando, curtindo o lugar.

O público é, predominantemente, feminino, 63,8% formado na sua maioria por donas de casa e aposentadas, fato esse que chama a atenção uma vez que era atribuição masculina o ato de realizar a *feira*. Manter a casa era obrigação dos homens cinquenta anos atrás.

Abaixo, expomos um gráfico para melhor visualização das informações colhidas via questionários e entrevistas realizados na *feira livre* de Senhor do Bonfim com consumidores daquele município.

Gráfico 2 – Comparativo idade x escolaridade dos consumidores

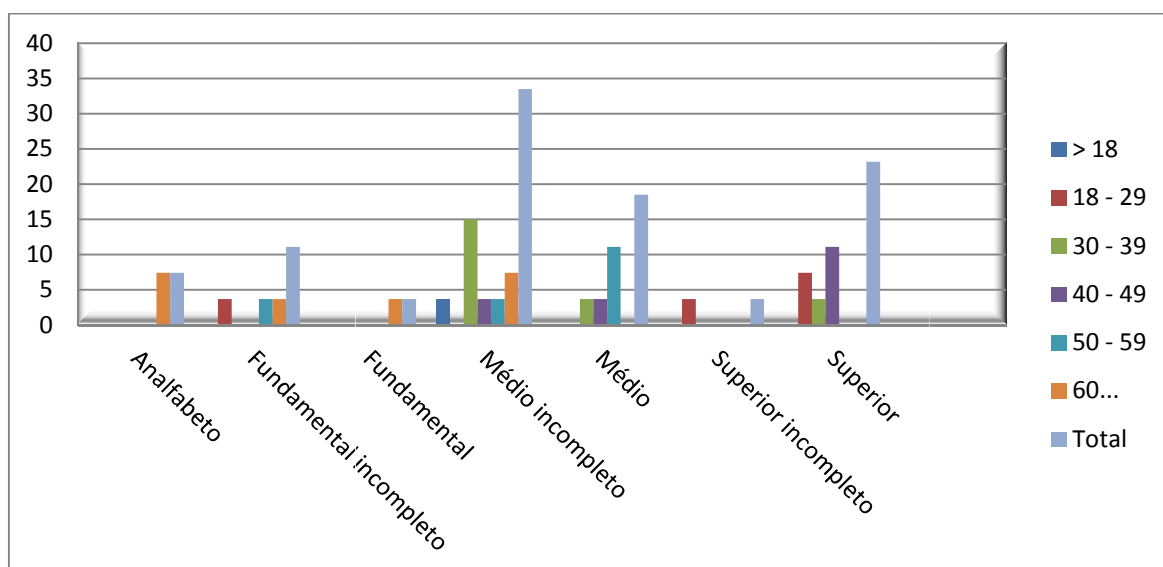


Gráfico aponta para a grande discrepância, que recai na questão da escolaridade. A maioria dos consumidores que compram exclusivamente na *feira* está na faixa etária compreendida entre 50 e 60 anos acima e que não concluíram o ensino médio.

A parcela de fregueses que apenas compra frutas, polvilho, um ou outro produto na *feira*, optando em realizar suas compras nos supermercados está situada na faixa etária entre 30 e 40 e poucos anos e que detém um grau maior de escolaridade, já concluíram o terceiro grau, ou estão cursando. Percebemos com isso que quanto maior o nível de escolaridade, quanto mais esclarecido o freguês em relação às noções de higiene sanitária. Eles buscam nos supermercados os produtos de que necessitam, pois encontram, nesses locais, mais segurança e credibilidade quanto à origem dos produtos.

É o sábado, o dia mais utilizado pela população para fazer a *feira*; 85,1%, segundo os consumidores preferem o sábado à sexta, pois os sábados são ideais para rever os amigos, parentes que vêm do interior do município para a sede, para realizar suas compras. O fato de a maioria dos munícipes não trabalharem neste dia, é um dos fatores que contribuem para realizarem suas compras, para suprirem as suas necessidades aos sábados.

Uma constatação interessante é que cerca de 70% do público participante da pesquisa avalia o ambiente favorável como fator crucial no comparecimento e efetiva compra nesses locais e revela que as cores das frutas e verduras, o despertar do olfato, a simpatia dos comerciantes, o entretenimento e a possibilidade de poder provar os produtos, o atendimento caloroso, são itens que facilitam e estimulam a compra na *feira*.

O atendimento na feira foi um dos pontos mais citados durante as atividades de coleta de dados. O bom atendimento, as formas utilizadas para agradar o freguês, que vão de degustar o produto até a disponibilização de uma maior quantidade só para fazer com que o cliente fique satisfeito.

Muito além do simples fato de realizar suas compras e saciar suas necessidades físicas, o fato de ir à *feira* traz uma simbologia muito forte no que se refere aos laços de amizade tecidos, às trocas simbólicas realizadas durante a

feira, que vão além do simples passear entre as ruas, as trocas de experiências, as ressignificações culturais, o aprendizado passado pelos mais velhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade é um inconstante mosaico de espaços e sociabilidade. A coexistência de tempos, agentes e processos os mais díspares confere à vida das cidades grande diversidade e riqueza de possibilidades. Possibilidades de realização do lucro, de formas de sobrevivência material imediata, de festa, não obstante a existência de normas e limites de uso e apropriação do território urbano.

Muito embora a *feira livre* seja um elemento comum na paisagem das cidades de um modo geral, no caso do Nordeste, essas têm características peculiares que a diferem de município para município. As pequenas *feiras* têm um papel importante no contexto local, por estabelecerem comunicação entre os lugares e trocas não apenas de produtos, mas também de informações, possibilidades de lazer àqueles que vivem em localidades mais afastadas, além de serem o ambiente dos pequenos produtores venderem seus produtos, mesmo que seja ao lado de uma barraca que vende CDs e DVDs. Essa diversidade de produtos leva à configuração da *feira* como movimento, pois ela não é a mesma a cada dia que se processa.

A feira livre do município de Senhor do Bonfim não difere desse cenário, tendo sobrevivido principalmente por ser um ambiente essencial para a aquisição de produtos por seus populares e por ser uma tradição de toda a região. Sem ter a pretensão de encerrar um assunto tão complexo e importante, podemos dizer que, apesar dos problemas, a *feira* parece ter vida longa na cidade de Senhor do Bonfim, não visualizamos a cidade sem a *feira*.

A *feira*, como espaço de produção cultural, como produtora de sentidos e também como local onde a cultura popular acontece. Tivemos a oportunidade de perceber, a partir de um olhar sobre o cotidiano de feirantes em suas atividades trabalhistas, que eles fazem cultura e educação centrados no seu saber (popular), fruto de suas experiências culturais e sociais, resistindo por meio da sua luta diária às condições, muitas vezes, adversas de suas vidas e trabalho.

A *feira* é um espaço democrático de convivência, em que os sujeitos sociais se encontram, trocam experiências e vivências e aprendem mutuamente, informalmente, ao lado de toda modernidade imposta pelos grandes supermercados. A *feira* resiste e essa resistência tem sua origem na própria forma de como as pessoas que dela participam vão criando estratégias de sobrevivência, formas e meios de continuar subsistindo, mostrando sua visibilidade quando, muitas vezes, se tornam seres invisíveis.

Diante disso, percebe-se que, apesar de Senhor do Bonfim ser considerada uma cidade de médio porte, a *feira livre* denota um grau de importância para a sociedade, pois pode-se perceber esse espaço de manutenção das relações comunitárias e sociais ou *lócus* de sociabilidades e sistema econômico local-regional para os diferentes segmentos das pessoas locais, mesmo que numa área em que predomina as relações mercantis. Apesar disso, os sujeitos desta pesquisa, os moradores locais veem na *feira* um local de encontros e lazer, afinal, dia de *feira* é dia de festa, de encontro do homem do campo com os cidadãos, que vivem nessa cidade, fazendo manter a cultura do seu povo.

Ao término deste estudo, fomos tomados por vários sentimentos, que se misturam. Quem viveu a Bonfim de ontem, a Bonfim tranquila que antecedeu ao asfalto e à televisão, traz uma saudade e uma dor em seu peito e a vontade de lutar para ter em suas mãos o que se foi. Numa tentativa utópica, mas que se repete como um ritual do qual não se quer separar, expresso por meio das entrevistas concedidas à autora durante o transcorrer do trabalho de pesquisa. Os que vivem a Senhor do Bonfim atual, trazem uma esperança de dias melhores, com as reminiscências do passado, a força cultural ressignificada do presente para construir um futuro melhor.

Um futuro marcado pela incerteza, pela falta de incentivo e apoio dos órgãos públicos pela continuidade nas ações que buscam manter viva a cultura popular e com ela a história da cidade de Senhor do Bonfim.

Este estudo é uma dessas tentativas, na qual o presente nos remete ao passado e nos leva a querer nas mãos um futuro que permanece como desafio. Mais que um simples comércio, a *feira livre* de Senhor do Bonfim é a verdadeira expressão de arte e cultura do povo bonfinense.

Voltando à *feira livre* de Senhor do Bonfim, chegamos a concluir que, mesmo num mundo moderno como o atual, alguns costumes e tradições da sociedade são mantidos; um deles é a resistência da *feira livre*, fazendo permanecer e ressignificar a cultura de um povo por um longo período.

Nosso estudo sobre a *feira livre* de Senhor do Bonfim será o passo inicial, que servirá de suporte para revelar aos poderes públicos, municipal e estadual, os detalhes que escapam ao senso comum, dando possibilidades de ajuste das políticas públicas, de acordo com a especificidade do público e sua correspondência com a realidade local. Esse sistema de comercialização encerra peculiaridades numa cidade em que elas representam uma tradição que, com algumas dificuldades, vem sendo preservada por meio do tempo.

A sensação que fica é que, cada vez que saímos dela com o nosso carrinho cheio de produtos, estamos levando também uma bagagem mais rica ainda, que é a de vivência, experiências, conversas e alegria, como o próprio nome do estudo destaca: uma riqueza que mexe com os sentidos, *feira livre* de Senhor do Bonfim.

Referencial bibliográfico

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado.** Bauru/SP: Edusc, 2007.

ALMEIDA, Rose Mary Ferreira. (org.) **E tu, me amas?** Encontro de leitores e enamorados da cidade de Senhor do Bonfim. 1ª edição. Senhor do Bonfim: Decalck, 2001.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas Sobre a Teoria da Ação.** São Paulo: Papyrus Editora, 1996.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade . Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. **Diversidade e direitos na interculturalidade global.** In: Observatório cultural, número 8, São Paulo: Itaú Cultural, abril/julho de 2009.

CARDOSO, C. A. de A; MAIA, D. S. **Das feiras às festas: as cidades médias do interior do nordeste.** In: SPÓSITO, M. E. B. **Cidades Médias: espaços em transição.** SP: Expressão Popular, 2007. p. 517-550.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** 2 ed. Paz e Terra, 1999. vol. II.

DOLZANI, M. & JESUS, G.M. **O direito à cidade: cem anos de feira livre na cidade do Rio de Janeiro, 2004.** Disponível em: <<http://www.uerj.br>>. Acesso em: 05 maio 2012.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FUNDAÇÃO FORD. In: IPHAN- Ministério da Cultura. Inventário Nacional de Referências Culturais. **Dossiê da Feira de Caruaru**. Brasília, 2006.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GONÇALVES, Gisela. **Questionamento à volta de três noções: grande cultura, cultura popular, e cultura de massas**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Covilhã (Portugal): Universidade da Beira Interior, 1998. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/goncalves-gisela-Questionamento.pdf> >. Acesso em: 23 de abr. 2012.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular**. Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação, 1. USP-CELACC. São Paulo. 2010.

HAESBAERT, Rogério C. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Anais do X Encontro de Geógrafo da América Latina. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo horizonte e Brasília: Editora UFMG/Unesco no Brasil, 2003.

HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro, Revan, 1992.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

IANNI, O. **A era do globalismo**. 3a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. 304p.

KON, Anita. **Tecnologia e trabalho no cenário da globalização**. In: Desafios da Globalização. São Paulo: Vozes, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura. Um conceito antropológico*. 14 edição. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

LIMA, Tiago Charles. **Importância cultural da feira livre para a população do município de Paranacirim/RN**. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Rio Grande do Norte, 2010

MACHADO, Paulo Batista. **Notícias e saudades da Villa Nova da Rainha, aliás, Senhor do Bonfim**. Salvador: EDUNEB, 2007.

_____. **Cartilha histórica sobre as origens de Senhor do Bonfim**. Senhor do Bonfim: UNEB, 1993. v. 01. 48p .

MAIOR, Armando Souto. **História Geral**. São Paulo, Editora São Paulo, 1978.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003.

MATOS, Edilene Dias. **Cultura popular: reflexões**. In: ALVES, Paulo César (Org.). *Cultura: múltiplas leituras*. Bauru, SP: EDUSC; Salvador: EDUFBA, 2010. 350p

MATOS, K. S. L. de; VIEIRA, S. L. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2 edição. Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2001. (Coleção Magister)

OLIVEIRA, Hebe M. Gonçalves de. Meios de Expressão Popular. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007.

ORTIZ, R. **Cultura popular** – Românticos e folcloristas. São Paulo, PUC-SP, 1985.

PUIILLON J., “Tradition” in P. Bonte e M. IZARD, Dictionnaire de L’ethnologie et de l’antropologie, PUF, p. 710-712, Paris, 1991.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e Competência**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Adalberto Silva. **Tradições populares e resistências culturais:** políticas públicas em perspectiva comparada. 2007. 253 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **A Globalização e as Ciências Sociais.** 3 ed. São Paulo- Cortez, 2005.

SANTOS, Milton [et al]. **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial. 3ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. 416p.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 6ª Ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, ADOLPHO. **Bonfim, terra do bom começo.** Ed. Bibliography: 1971, p. 168.

The Ford Foundation. Public Markets as a Vehicle for Social Integration and pward Mobility (Traduzido por Gustavo Miranda). Disponível na Internet em: www.pps.com. Acessado em: 28 de maio de 2012.

VIEIRA, R. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá.** 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do Curso de Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

Site da Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim <http://www.senhordobonfim.ba.gov.br/wp/> acessado em 22 de julho de 2011.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
RIQUEZA QUE MEXE COM OS SENTIDOS:
feira livre de Senhor do Bonfim.

**Apêndice A - QUESTIONÁRIO DE SONDAÇÃO – Feirantes das ruas, praças,
becos e vielas.**

Dados pessoais:

Nome: _____

Sexo: Masculino () Feminino () Outros _____

Estado civil: _____ Filhos: () Sim _____ () Não

Endereço: _____

Telefone: _____ e-mail: _____

Onde trabalha: _____

1. Faixa etária

- | | |
|------------------------|------------------------|
| () Menor de 12 anos | () Entre 12 e 18 anos |
| () Entre 18 a 29 anos | () Entre 30 a 40 anos |
| () Entre 50 a 60 anos | () Acima de 60 anos |

2. Grau de escolaridade

- | | |
|---------------------------------|-----------------------------------|
| () Analfabeto | () Ensino fundamental incompleto |
| () Ensino fundamental completo | () Ensino médio incompleto |
| () Ensino médio completo | () Superior completo |
| () Superior incompleto | |

3. Você é o único provedor financeiro da casa

- () Sim () Não _____

4. Há outros membros da família que possui outra fonte de renda

Quantos? _____

5. Qual o rendimento obtido na feira?

- () Até 1 salário mínimo () Mais de 2 salários mínimos

() Até 4 salários mínimos () Acima de 06 salários mínimos

6. Renda familiar

() Até um salário mínimo () Mais de dois salários mínimos
() Cinco salários mínimos () Até quatro salários mínimos
() Mais de oito salários mínimos () até dez salários mínimos

7. Se positiva sua resposta, informe qual a atividade desempenhada pelo outro membro da família.

8. Quanto tempo trabalha na feira

() Há menos de um ano () Há mais de dois anos
() Há mais de quatro anos () Há mais de cinco anos
() Há mais de dez anos () Há mais de trinta anos

9. Dentre os membros de sua família, alguém desempenha atividades na feira juntamente com você?

Não () Irmão (ã) _____ Filho(a) _____
Esposo (a) _____ Tio (a) _____ Sobrinho (a) _____
Cunhado(a) _____ Pai/Mãe _____

10. Quem mais trabalha na feira contigo

() Só você () Empregado _____ () Parceiros
() Sócio _____ () Membro da família _____

11. Sua barraca funciona aos dias de:

() Só as sextas () Apenas aos sábados () Toda a semana
() Exceto aos domingos () As sexta e sábados, apenas.

12. Nos dias em que não está na feira que atividade realiza?

13. Em relação às condições e trabalho:

() Boas () Ruins () Precisa melhorar

14. Fatores climáticos e da natureza:

Exposição a: () Luz solar () Chuva () Poeira () Fumaça

15. O que você comercializa na feira livre?

- () Verdura () Fruta () Cereais () Peixe
() Carne _____ () Frango () Comida
() Bebidas () Móveis () Eletrodoméstico () Flores
() Dvd's () Animais () Biscoito e polvilhos
() Artesanato () Plantas () Utensílios domésticos
() Remédios () Outros _____

16. Seus produtos são expostos para comercialização em que local?

- () Em caixotes () Em sacos () No chão
() Em bacias () Outros _____

17. São perecíveis?

- () Sim () Não

18. Qual a origem do produto vendido

- () Comercializa o que produz () Compra do comércio local
() Produzido em parceria com vizinhos () Revende de amigos
() Comprado em cidades vizinhas () Revende de terceiros

19. Qual o transporte utilizado para levar os seus produtos para serem comercializados na feira?

- () Transporte coletivo () Animal () Carro próprio
() Carroça de burro Especifique: _____

20. Que horas você chega à feira e encerra seu expediente

Início _____ Término _____

21. Cadastro junto à prefeitura municipal

- () Cadastrado e recolhe a taxa () Cadastrado, mas não recolhe a taxa
() Não é cadastrado

22. Sua relação com a prefeitura municipal

23. Sua perspectiva sobre a feira livre de Bonfim.

24. Como se estabelece as relações com os consumidores da feira.

25. Perspectivas futuras para o trabalho na feira livre de Senhor do Bonfim.

26. Considerações finais

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
RIQUEZA QUE MEXE COM OS SENTIDOS:
feira livre de Senhor do Bonfim.

Apêndice B - QUESTIONÁRIO DE SONDAÇÃO – Feirantes do mercado e galpões

Dados pessoais:

Nome: _____

Sexo: Masculino () Feminino () Outros _____

Estado civil: _____ Filhos: () Sim _____ () Não

Endereço: _____

Telefone: _____ e-mail: _____

Onde trabalha: _____

1. Faixa etária

- | | |
|------------------------|------------------------|
| () Menor de 12 anos | () Entre 12 e 18 anos |
| () Entre 18 a 29 anos | () Entre 30 a 40 anos |
| () Entre 50 a 60 anos | () Acima de 60 anos |

2. Grau de escolaridade

- | | |
|---------------------------------|-----------------------------------|
| () Analfabeto | () Ensino fundamental incompleto |
| () Ensino fundamental completo | () Ensino médio incompleto |
| () Ensino médio completo | () Superior completo |
| () Superior incompleto | |

3. Você é o único provedor financeiro da casa

- () Sim () Não _____

4. Há outros membros da família que possui outra fonte de renda

Quantos? _____

5. Qual o rendimento obtido na feira?

- | | |
|----------------------------|----------------------------------|
| () Até 1 salário mínimo | () Mais de 2 salários mínimos |
| () Até 4 salários mínimos | () Acima de 06 salários mínimos |

6. Renda familiar

- () Até um salário mínimo () Mais de dois salários mínimos
() Cinco salários mínimos () Até quatro salários mínimos
() Mais de oito salários mínimos () até dez salários mínimos

7. Se positiva sua resposta, informe qual a atividade desempenhada pelo outro membro da família.

8. Quanto tempo trabalha na feira

- () Há menos de um ano () Há mais de dois anos
() Há mais de quatro anos () Há mais de cinco anos
() Há mais de dez anos () Há mais de trinta anos

9. Dentre os membros de sua família, alguém desempenha atividades na feira juntamente com você?

Não () Irmão (ã) _____ Filho(a) _____
Esposo (a) _____ Tio (a) _____ Sobrinho (a) _____
Cunhado(a) _____ Pai/Mãe _____

Quem mais trabalha na feira contigo

- () Só você () Empregado _____ () Parceiros
() Sócio _____ () Membro da família _____

10. Seu box` s funciona nos dias de:

- () Só as sextas () Apenas aos sábados () Toda a semana
() Exceto aos domingos () As sexta e sábados, apenas.

11. Nos dias em que não está na feira que atividade realiza?

12. Em relação às condições e trabalho:

- () Boas () Ruins () Precisa melhorar

13. Fatores climáticos e da natureza:

Exposição a: () Luz solar () Chuva () Poeira () Fumaça

14. Edificações

Mercado municipal

() Prédio está em bom estado de conservação () Mal conservado

() Necessita de reformas_____

Sanitários Públicos

() Possui e esta em bom estado de conservação

() Possui, mais necessita de reformas

() Não possui sanitários em seu interior

Galpões de verduras e frutas

() Prédio está em bom estado de conservação () Mal conservado

() Necessita de reformas_____

Sanitários Públicos

() Possui e esta em bom estado de conservação

() Possui, mais necessita de reformas

() Não possui sanitários em seu interior

15. Instalações:

Elétrica

() Atende satisfatoriamente () Não atende () Atende parcialmente

Hidráulica

() Esgoto exposto () Mau cheiro () Entupimentos na rede hidráulica

16. Box`s de comercialização de produtos

Carne, aves, peixes e vísceras

() Possui pia () Torneiras

() Tomadas elétricas () Piso_____

() Portas

Cereais

() Possui pia () Torneiras

() Tomadas elétricas () Piso_____

() Portas

17. O que você comercializa na feira livre?

- Verdura Fruta Cereais Peixe
 Carne _____ Frango Comida
 Bebidas Móveis Eletrodoméstico Flores
 Dvd's Animais Biscoito e polvilhos
 Artesanato Plantas Utensílios domésticos
 Remédios Outros _____

18. Seus produtos são expostos para comercialização em que local?

- Em caixotes Em sacos No chão
 Em bacias Outros _____

19. São perecíveis?

- Sim Não

20. Qual a origem do produto vendido

- Comercializa o que produz compra do comércio local
 Produzido em parceria com vizinhos Revende de amigos
 Comprado em cidades vizinhas Revende de terceiros

21. Qual o transporte utilizado para levar os seus produtos para serem comercializados na feira?

- Transporte coletivo Animal Carro próprio
 Carroça de burro Especifique: _____

22. Que horas você chega à feira e encerra seu expediente

Início _____ Término _____

23. Cadastro junto à prefeitura municipal

- Cadastrado e recolhe a taxa Cadastrado, mas não recolhe a taxa
 Não é cadastrado

24. Sua relação com a prefeitura municipal

25. Sua perspectiva sobre a feira livre de Bonfim.

26. Como se estabelece as relações com os consumidores da feira.

27. Perspectivas futuras para o trabalho na feira livre de Senhor do Bonfim.

28. Considerações finais

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
RIQUEZA QUE MEXE COM OS SENTIDOS:
Feira livre de Senhor do Bonfim.

Apêndice C - QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM -
Fregueses

Dados pessoais:

Nome: _____

Sexo: Masculino () Feminino () Outros _____

Estado civil: _____ Filhos: () Sim _____ () Não

Endereço: _____

Telefone: _____ e-mail: _____

Onde trabalha: _____

Faixa etária _____

Escolaridade _____

1. Você é o único provedor financeiro da casa

() Sim () Não _____

Se negativa sua resposta, informe qual a atividade desempenhada pelo outro membro da família.

2. Renda familiar

() Até um salário mínimo () Mais de dois salários mínimos
() Cinco salários mínimos () Até quatro salários mínimos
() Mais de oito salários mínimos () até dez salários mínimos

3. Há quantos anos você frequenta a feira?

4. Quais as ruas onde você encontra os produtos que mais consome?

5. Você frequenta a feira nos dias

- () Sexta-feira () Aos sábados () As sextas e sábados

6. Em relação às edificações que compõe a feira

Mercado municipal

- () Prédio está em bom estado de conservação () Mal conservado
() Necessita de reformas _____

Sanitários Públicos

- () Possui e esta em bom estado de conservação
() Possui, mais necessita de reformas
() Não possui sanitários em seu interior
() Não sabe se possui

Galpões de verduras e frutas

- () Prédio está em bom estado de conservação () Mal conservado
() Necessita de reformas _____

Sanitários Públicos

- () Possui e esta em bom estado de conservação
() Possui, mais necessita de reformas
() Não possui sanitários em seu interior
() Não sabe informar

7. Instalações do mercado:

Elétrica

- () Atende satisfatoriamente () Não atende () Atende parcialmente

Hidráulica

- () Esgoto exposto () Mau cheiro
() Entupimentos na rede hidráulica () Atende satisfatoriamente

Ventilação

- () O mercado é bem ventilado () Mal ventilado

8. Instalações dos galpões:

Elétrica

() Atende satisfatoriamente () Não atende () Atende parcialmente

Hidráulica

() Esgoto exposto () Mau cheiro
() Entupimentos na rede hidráulica () Atende satisfatoriamente
() Não possui

9. Box`s de comercialização de produtos

Carne, aves, peixes e vísceras

() Estrutura é boa () Estrutura ruim () Bem iluminado
() Mal iluminado () Bem higiênico () Falta higiene
() Bem ventilado () Sem ventilação

Cereais

() Estrutura é boa () Estrutura ruim () Bem iluminado
() Mal iluminado () Bem higiênico () Falta higiene
() Bem ventilado () Sem ventilação

10. Em relação à forma como os produtos são expostos para comercialização:

() Em caixotes () Em sacos () No chão
() Em bacias () Outros _____

11. Que horas você chega e sai da feira

Início _____ Término _____

12. Quais os produtos que você só compra na feira e por quê?

13. Quanto gasta em média com alimentação? E na feira?

14. Você vai à feira:

() Semanalmente () Quinzenalmente () Mensalmente

15. Em sua opinião, qual a diferença entre comprar na feira ou no supermercado.

16. Destaque uma barraca e um vendedor. Justifique.

17. Sua perspectiva sobre a feira livre de Bonfim.

18. Como você estabelece relações e impressões com os feirantes.

19. Perspectivas futuras para a feira livre de Senhor do Bonfim.

20. Qual a sua impressão em relação às reformas ocorridas na feira

Apêndice D - Roteiro para entrevista

1. Dados pessoais

Nome

Idade

Escolaridade

Atividade econômica

2. Economia

- Vida econômica da cidade – o que movimentava a economia local
 - ✓ Existência de fábricas
 - ✓ Agricultura familiar

- Importância da feira para economia local através dos tempos
 - ✓ Abastecimento local e regional
 - ✓ Tamanho da feira, as ruas onde acontecia.
 - ✓ Os produtos mais procurados

- Vida econômica do grupo familiar
 - ✓ Mantinha a casa

- Formas de subsistência do grupo familiar através dos anos – o que mudou e quais adaptações realizadas, composição da família na renda

3. Vida da cidade

- Condições de vida do grupo familiar- presente e passado (situação da residência, hábitos, locais que frequentava, padrões econômicos expresso nos modos de vida + escola dos filhos, relacionamentos sociais)

- Vida social do grupo familiar – passada e presente (o que frequentava nas horas de folga)

4. Personagens da feira

- ❖ Frequência a feira (como e quem frequentava e frequenta a feira)

 - Como se vestiam

 - O encontro com os amigos

- ❖ Fatos e pessoas marcantes relacionados com a feira

 - ✓ Cultura a céu aberto

- ❖ A feira ontem/hoje

 - ✓ Tradição x modernidade

 - ✓ A escolha por ser feirante

 - ✓ Período de crise e de melhores vendas

- ❖ Locais da feira – ontem e hoje

 - ✓ Mercado

 - ✓ Galpões

 - ✓ Ruas e becos

- ❖ Como os produtos eram expostos para venda

 - ✓ Higiene

 - ✓ Vigilância sanitária

 - ✓ Origem dos produtos

- ❖ As mudanças ocorridas

 - ✓ Problemas

 - ✓ Soluções

- ❖ Semelhanças e/ou diferenças da feira daquela época para a atual

5. Lembranças e reminiscências sobre a feira

- ❖ Sentidos despertados

ANEXOS

Hino do município de Senhor do Bonfim – Bahia

EXALTAÇÃO A BONFIM

Letra e música: Jairo Simões

Descanso de tropeiro
No meio do sertão
Caminho de bandeirantes
Descobrimo o nosso chão
Aqui ficaram boiadeiros
Bravos pioneiros
De laço e gibão
Em torno, a Serra do Espinhaço,
Num amistoso abraço,
Lhe dá proteção.

Vila Nova da Rainha
Uma história pra contar
São lutas de um povo
Por tudo o que é novo
Na certeza de que vai ganhar.

Salve o lavrador
Que os campos refaz
E pra nossa feira
Muito nos traz
Salve o comércio e a indústria
Na lida sem fim
Viva Bonfim.

Cordel – “A Feira Livre de Senhor do Bonfim”

Escritor - Zumar Sérgio

“A feira de Bonfim
È de grande expressão
Retrata a nossa riqueza
Abrangendo a micro região
Mostrando as belezas
De uma grande manifestação

A cultura de nossa feira
Em outro canto não há!
Ouve se o grito no sertão
È cultura milenar
È coisa boa da Bahia
È patrimônio popular

Começa lá no cruzeiro
Onde se ouvia o povo ora
È um espaço de primeira
Onde você pode comprar
Desde a costela de bode
Ao remédio medicina.

Alpercata feita de couro
Tem chapéu, sacola e gibão,
Encontra-se ferramentas
Foíce, facas e facão.
Tem galinha caipira
Esteiras, cordas e esporão.

Nas barracas tem comidas
Tira gosto, toma quentão
Bode assado e feijoada
Há conversa de pé de balcão.
E não falta uma morena
Que é típica da região.

Tem banca de camelô
Em toda circulação
Barracas que vendem discos
CDs, em promoção.
Brinquedos de crianças
Objetos de montão.

A feira continua
Por traz dos correios
Forró todos os dias
Encontro de sanfoneiros
Na barraca de seu Tômaz
O chamego o ano inteiro.

Barracas de tecidos
È a grande sensação
Roupas para idosos
Moças e rapagão
Jovens e crianças
Ficam chic na negociação.

A fruta corre solta
Pra melhor apreciação
Tudo em grande quantidade
Por freguês ter opção
Vindo pronto em caçuá
Pra nossa satisfação.

Quem quiser comprar panelas
Vai à barraca de seu Vadão
Você encontra todo tipo
De alumínio a de pressão
Todas de boas qualidades
Pra servir o cidadão.

Pra dona de casa
Encontra se o requeijão
Doces de goiabada
Manteiga de garrafão
Tem o queijo saboroso
Que vai pra mesa do patrão.

Acarajé de Tijuacu
A vassoura de Quicé
Tem o beiju da Igara
O licuri que dá no pé
Os bolinhos que é feito em casa
Da receita de dona Bêre.

Tem farinha de mandioca
Tem o arroz e o feijão
Você encontra de quilo
O milho em qualquer ocasião.
È pesado na balança
Sem haver reclamação.

As barracas de sapatos
Todos os gostos podem encontrar
O couro é de primeira
Tem as marcas popular
Tudo pelo menor preço
Pode vim, pode levar.

As plantas de todo tipo
Pra casa decorar
Ainda leva o caqueiro
E as rosas pra enfeitar
Tem flores o ano inteiro
Cada aroma de delirar.

Mingau feito na hora
Pra gente poder comprar
Dê milho e tapioca
Bolo de puba e abará
Tem o caldo de cana
E o refresco de maracujá.

Consertador de portas
De relógio e amolação
Encontra o Fugãozinho
Que concreta panelas e fogão.
Ainda compra em sua barraca
Outras peças em varejão.

Barraca de artesanato
Com objetos feito a mão.
È o artista do povo
Indo até a população
Mostrando o que é belo
Pra o consumo da nação

No mercado vende carne
De primeira ao tripão
De ossada ao peixe
Da costela ao bom bifão.
Carne seca ou do sol
Tem buchada de montão.

Nos pontos vende comida
È grande a concentração
Vem gente de todo lado
Pra fazer a refeição
Comida de todo o tipo
Acompanhado de pirão.

Não falta o jogo do bicho
A preferência do lugar
Rogério traz logo a rifa
Seus freguês quer assinar.
A quem arrisque um palpite
Que as coisas vão melhorar.

Tem a feira do rolo
Pra quem quiser comprar
Objetos de valor
Com o preço popular
Você comprar qualquer coisa
Ou também pode trocar.

Na feira do rolo
Tem a troca de animá
Você compra até jumento
A um porco pra engordar
Negocia o cavalo
Pelos dentes a mostrar.

O barro pode encontrar
Em grande transformação
Tem deles que vira pote
Tem outros que vira decoração
È cofre, moringa e panela
Trazida em caminhão.”

MOSAICO DA FEIRA LIVRE DE SENHOR DO BONFIM – BAHIA

“PEDAÇOS DE MIM”









